

**Robin Hood Gardens**  
A condição paradigmática de uma ideia construída



Rui André Mata da Cunha  
Dissertação de Mestrado  
Departamento de Arquitectura da FCTUC  
Sob orientação do Professor Doutor José António Bandeirinha  
Sob co-orientação do Arquitecto Nelson Mota  
Julho 2010

# ÍNDICE

## Introdução

- I. A emergência dos Smithson no debate do pós-guerra.
  - I.1 A influência do Independent Group no discurso dos Smithson.
  - I.2 A emergência de um novo paradigma.
  
- II. A construção de um novo paradigma: Associação Humana
  - II.1 O novo paradigma ilustrado: Urban ReIdentification Grid
  - II.2 O novo paradigma em projecto: Golden Lane Deck Housing
    - II.2.1 Escala de Associação Humana
    - II.2.2 Golden Lane Deck Housing
  
- III. O novo paradigma construído: Robin Hood Gardens Housing Project.
  - III.1 Do Golden Lane ao Robin Hood Gardens.
  - III.2 Robin Hood Gardens Housing Project.
  - III.3 O projecto ideal e o projecto construído em comparação.

## Conclusão

## Bibliografia Consultada

## Anexos

# I

## A EMERGÊNCIA DOS SMITHSON NO DEBATE ARQUITECTÓNICO DO PÓS-GUERRA

*Durante a década de 1950, o prestígio dos Smithson era enorme graças ao reconhecimento dado à sua escola em Hunstanton, à sua liderança do Team Ten, ao desafio aos dogmas racionalistas dos CIAM, e ao impacto no Brutalismo como uma tradução arquitectónica da “rough poetry” nas realidades banais.<sup>1</sup>*

Alison e Peter Smithson iniciam a sua prática numa situação em que os princípios que governavam a arquitectura moderna eram postos em causa pelos jovens<sup>2</sup> arquitectos que participam nos Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna (CIAM).

Fazendo parte destes “jovens”, criticavam o progressismo político e artístico do movimento moderno propondo aproximá-lo mais ao Homem, enquanto elementos da sociedade do presente – se os modernistas trabalhavam para um Homem Ideal, os arquitectos jovens desejavam trabalhar para o Homem Comum.

Esta reaproximação envolvia uma procura pelo ideal de “habitat”, *o ambiente que podia acomodar, total e harmoniosa, a realização espiritual, intelectual e física dos seus habitantes*<sup>3</sup> comportava uma vasta pesquisa das culturas, hábitos e sistemas construtivos dos locais específicos da sociedade que os habitava.

Imersos num cenário artístico revolucionário, de onde emergiam vários grupos que se opunham, mais ou menos radicalmente aos ideais vigentes, foram buscar influências, dentro do contexto inglês, ao Independent Group. O estatuto vanguardista dentro deste grupo vai valer-lhes a integração no MARS Group, com o qual participam no CIAM 9. Este congresso viria a assinalar a importância no debate arquitectónico europeu pela apresentação da sua teoria Urban ReIdentification. É neste congresso que os jovens arquitectos afirmam a sua posição, o que conduz ao reconhecimento da sua importância e consequente direcção do futuro dos congressos. É o congresso onde surgem os futuros elementos do Team Ten.

---

<sup>1</sup> ROBBINS, David, “The Independent Group: forerunners of post-modernism?”, in ROBBINS, David (ed.), *The Independent Group: postwar Britain and the aesthetics of plenty*. Cambridge (Mass.): The MIT Press, 1990. 256 p. ISBN 0262181398. p.242 (tradução livre pelo autor)

<sup>2</sup> No decorrer do CIAM 9, Alison Smithson identificou os grupos informais das “três gerações” de membros. Os mais velhos, os iniciadores dos CIAM e particularmente Le Corbusier / O grupo do meio, que tinham sido os discípulos da primeira geração / a geração mais jovem.

LANDAU, Royston, “The End of CIAM and the Role of the British”, in “Rassegna”. Milan. 1992, vol. 52. ISSN 0393/0203, p.41

<sup>3</sup> PEDRET, Annie, “CIAM IX: discussing the charter of habitat”, in RISSELADA, Max; HEUVEL, Dirk van den (ed.), *Team 10: in search of a utopia of the present*. Rotterdam : NAI Publishers, 2006. 368 p. ISBN 9056624717. p. 20

## I.1

# A INFLUÊNCIA DO INDEPENDENT GROUP NO DISCURSO DOS SMITHSON

*O Período Heróico da arquitectura moderna terminou em 1929, e o trabalho subsequente a este pode ser visto como exploração para o segundo grande período criativo a começar agora. Os dois períodos caracterizam-se por desenvolvimentos paralelos simultâneos em arquitectura, engenharia, pintura e escultura; as atitudes, teoremas e imagens de cada descoberta em consonância espontânea com as outras.*<sup>4</sup>

*Enquanto etiqueta descritiva, tem dois sentidos idênticos, embora não sobrepostos. Não arquitectónicamente, descreve a arte de Dubuffet, alguns aspectos de Jackson Pollock e de Appel, e as pinturas em sarapilheira de Alberto Burri, e digamos, Magda Cordell ou Eduardo Paolozzi e Nigel Henderson entre os artistas ingleses. Com estes dois últimos, os Smithson coleccionaram e penduraram a exposição “Parallel of Life and Art” da ICA, que, embora antecedesse, talvez, a cunhagem da frase, é no entanto, vista como um locus classicus do movimento.*<sup>5</sup>

É com esta frase que Reyner Banham se refere ao Novo Brutalismo. Correspondendo à linguagem estética e intelectual dos elementos pertencentes ao Independent Group (IG), era segundo o mesmo, um “estado de espírito” partilhado por um pequeno grupo de artistas de Londres com nenhuma unidade particular ou programa de intenções, mas que partilhavam um interesse comum na *art brut*, em Le Corbusier e nas suas técnicas do *beton brut*, e nas políticas não-Marxistas.<sup>6</sup>

As reuniões informais que o Independent Group organizava no ICA (Institute of Contemporary Arts), entre 1952 e 1955, representavam para Alison e Peter Smithson um momento de encontro e debate com indivíduos que viam a arte com os mesmos olhos – *Most young people feel the need to get together and talk with those of like*

---

<sup>4</sup> SMITHSON, Alison; SMITHSON; Peter; “The stuff and decoration of the urban scene”, in *Ordinariness and Light: urban theories 1952-1960 and their application in a building project 1963-1970*. Cambridge (Mass.) : The MIT Press, 1970. 200 p. ISBN 0262190826. p. 84

<sup>5</sup> BANHAM, Reyner, “The New Brutalism” in ROBBINS, David (ed.), *The Independent Group*. p.171

<sup>6</sup> Cf. Reyner Banham *apud*. WEBSTER Helena, “New Brutalism”, in WEBSTER Helena, *Modernism without rhetoric: essays on the work of Alison and Peter Smithson*. London : Academy Editions, 1997. 224 p. ISBN 1854904957. p.24

*minds: a phenomenon of a part of life.*<sup>7</sup> Representava acima de tudo uma orientação, pois na época em que iniciaram a sua prática, não havia liderança artística na Inglaterra do pós-guerra<sup>8</sup> e foi na figura de Reyner Banham e nos encontros do Independent Group que a encontraram – *Acima de tudo, o acordo denominado – Independent Group – era necessário para a presença de cada um em Londres / era um “marcador” deliberado das nossas diferenças em relação aos outros / e as nossas diferenças em relação ao que já tinha existido antes.*<sup>9</sup>

Esta frase tornou clara uma atitude subjacente à informalidade aparente dos encontros: havia um sentimento de oposição ao modernismo intelectual que dominava a cultura artística do ICA. Isto é, ao modernismo artístico inglês, que recusava uma representação mimética da realidade, ao qual este grupo de intelectuais *avant-garde* propunha uma nova manifestação de arte que retirava dos objectos e da vida do dia-a-dia os seus temas; a estética *as found*.

O termo *as found* não foi senão cunhado pelos Smithson nos finais dos anos 80, mas no entanto, permite, à luz das considerações actuais, identificar o pensamento sobre a estética e sobre o design fundamentais no discurso do IG; e que Banham introduziu e apresentou nas reuniões do mesmo e nas exposições do ICA. O interesse de Banham na tecnologia e na mudança, e a sua insistência numa estética genuinamente contemporânea tomava forma na sua participação no IG numa dupla mensagem: *a história do Movimento Moderno deve ser reescrita em termos mais “inclusivistas”, e os processos de mudança rápida da sociedade de consumo levantam a questão das suposições ideológicas do modernismo da era da máquina.*<sup>10</sup>

Reyner Banham tentou, em 1955, organizar o Novo Brutalismo num movimento coeso, baseando o seu manifesto arquitectónico exclusivamente no trabalho dos Smithson – *A Hunstanton School, sendo o único projecto construído pelos Smithson, na altura, foi considerada o paradigma da arquitectura neo-brutalista.*<sup>11</sup> Esta classificação do projecto deve-se ao uso expressivo dos materiais, à evidência da sua função, e à evidência da organização da estrutura e do funcionamento de toda a escola. E foi este

---

<sup>7</sup> SMITHSON, Alison; SMITHSON, Peter, “Alison and Peter Smithson”, in ROBINS, David (ed.) *The Independent Group*. p.194

<sup>8</sup> Para futura referência, o termo “pós-guerra”, refere-se à Segunda Guerra Mundial.

<sup>9</sup> SMITHSON, Alison; SMITHSON, Peter, “Alison and Peter Smithson”, in ROBINS, David (ed.), *The Independent Group*. p.194

<sup>10</sup> ROBBINS, David, “Reyner Banham”, in ROBINS, David (ed.), *The Independent Group*. p.169

<sup>11</sup> WEBSTER, Helena, *Modernism Without Rhetoric*. p.24

uso expressivo do valor dos materiais, evidenciando-lhes as suas qualidades mais primitivas, que foi radical na Inglaterra da altura.

A participação de Alison e Peter Smithson no IG assinala-se, entre outras manifestações, por duas exposições – *Parallel of Life and Art* e *This Is Tomorrow*. Organizadas em colaboração com Eduardo Paolozzi e Nigel Henderson, estabeleciam dois propósitos relativamente distintos mas com grande relação aos princípios do IG. A primeira, focada na negação de hierarquia de uma entidade sobre a outra e no derrubar de barreiras entre disciplinas, marca a entrada dos Smithson no IG, e espelha a atenção dos mesmos aos artefactos exteriores à sua prática como entidades inspiradoras. A segunda, pela a apresentação do *Patio and Pavillion*, procurava representar as necessidades fundamentais do habitat humano. Segundo David Robbins, esta exposição trouxe a imaginação surrealmente inspirada de Henderson e Paolozzi ao contexto da análise arquitectónica dos Smithson. E motivou a sua viragem em direcção ao estudo das escalas de “associação humana” – que se viria a tornar no objectivo colectivo dos Team Ten – resultava da contribuição de Paolozzi nas ênfases estéticas e sociológicas, e do compromisso fotográfico de Henderson nas ruas de Bethnal Green – East End de Londres.<sup>12</sup> No entanto, Judith Henderson<sup>13</sup> parece ter sido a influência crucial na perspectiva sociológica dos Smithson. Este contacto influenciou-os no seu reconhecimento de todos os marcos que constituem memórias de um local e que devem ser compreendidos através da descoberta de como o tecido urbano existente no local se forma.

*In architecture, the “as found” aesthetic was something we thought we named in the early 1950s when we first knew Nigel Henderson and saw in his photographs a perceptive recognition of the actuality around his house in Bethnal Green: children’s pavement Play-graphics; repetition of “kind” in doors used as site hoardings; the*

---

<sup>12</sup> Ver ROBINS, David, “Alison and Peter Smithson”, in ROBINS, David (ed.), *The Independent Group*. p.109

<sup>13</sup> Nigel Henderson instalou-se em Bethnal Green, no East End de Londres, com Judith Henderson, sua mulher, após esta ter terminado a sua formação como antropóloga. Aí, Judith, dirigiu um curso chamado “Discover Your Neighbour” que propunha o estudo da moral e hábitos da classe trabalhadora do Norte de Inglaterra. Para os Henderson, os padrões sociais das comunidades trabalhadoras do East End eram similarmente estranhos e exóticos, e Nigel dedicou-se a tirar fotografias ao local e aos seus habitantes procurando representar todos os elementos que descreviam a vida nas ruas desde a “bolha na estrada” ao “coração forte” do habitante. Ver Carta enviada por Nigel Henderson a Eduardo Paolozzi; in ROBINS, David, “Nigel Henderson”, in ROBINS, David (ed.), *The Independent Group*. p.243

*items in the detritus on bombed sites, such as the old boot, heap of nails, fragments of stack or mesh and so on.*<sup>14</sup>

Materialmente, correspondia à preocupação de ver os materiais pelo que eram; nas suas palavras, a “madeirice” da madeira, a “areice” da areia,<sup>15</sup> e um gosto purista pelos objectos do dia-a-dia bem desenhados. A ideia de banalidade que defendia uma atitude contemplativa dos objectos – tal como os Smithson a frasearam, *a cadeira, cadeira, a mesa, mesa, o copo, copo.*<sup>16</sup> Correspondia assim à repugnância pelas simulações, à repugnância pelas misturas de matérias naturais com artificiais e o interesse pela natureza honesta dos objectos, tal como aplicaram na Hunstanton School.

A estética “as found” alimentou a invenção da “estética aleatória” de todos os seus ideogramas, diagramas e teorias do “Cluster”, que levaram, primeiro ao CIAM 9 de Aix-en-Provence, depois a Doorn, e finalmente ao CIAM 10 de Dubrovnik. Esteve portanto, nas origens do seu discurso da “Urban Reidentification”, que passou da grelha apresentada no CIAM 9 para a reunião de Doorn e posteriormente para o congresso de Dubrovnik – a “estética aleatória” está na origem da “escala de associação humana”.

---

<sup>14</sup> SMITHSON, Alison; SMITHSON, Peter, “The ‘As Found’ and the ‘Found’”, in ROBINS, David (ed.), *The Independent Group*. p.201

<sup>15</sup> SMITHSON, Alison; SMITHSON, Peter, “The ‘As Found’ and the ‘Found’”, in ROBINS, David (ed.), *The Independent Group*. p.201

<sup>16</sup> SMITHSON, Alison; SMITHSON, Peter, *Ordinariness and light*. p. 76.

## I.2

### A EMERGÊNCIA DE UM NOVO PARADIGMA

*Cada geração sente uma nova insatisfação, e concebe uma nova ideia de ordem. / Os jovens arquitectos de hoje sentem uma insatisfação monumental com os edifícios que vêm subindo à sua volta.*<sup>17</sup>

*No 9º Congresso dos CIAM, em Aix-en-Provence, foram apresentados projectos de Marrocos, Holanda e Inglaterra, que mostravam uma emergência simultânea das formas de uma nova maneira de pensar.*<sup>18</sup>

A importância de Alison e Peter Smithson no contexto artístico inglês não se deve apenas à sua participação no Independent Group. Como já foi referido no capítulo anterior, o seu projecto para a Escola de Hunstanton evidenciou a direcção arquitectónica que os Smithson procuravam estabelecer. Assim, graças a este projecto e à sua participação nos concursos para a Universidade de Sheffield, e para a Catedral de Coventry<sup>19</sup>, ganharam protagonismo no panorama arquitectónico inglês.

Assim, enquanto arquitectos interessados em debater e apresentar ideias dentro de um âmbito arquitectónico profundamente ligado às correntes *avant-garde*<sup>20</sup>, são convidados a integrar o grupo que era, na altura, a mais expressiva presença inglesa nos congressos dos CIAM – O MARS Group.<sup>21</sup>

É através da sua integração na comitiva deste grupo que participam no CIAM 9, realizado em Aix-en-Provence (1953), onde apresentam a sua grelha Urban

---

<sup>17</sup> SMITHSON, Alison; SMITHSON, Peter, “The built world: Urban re-identification”; in *Ordinariness and Light*. p. 104

<sup>18</sup> SMITHSON, Alison; SMITHSON, Peter, “The built world: Urban re-identification”; in *Ordinariness and Light*. p. 109

<sup>19</sup> Para mais informação sobre os projectos ver: SMITHSON, Alison; SMITHSON Peter, *The charged void: architecture* e WEBSTER, Helena, *Modernism without rhetoric: essays on the work of Alison and Peter Smithson*.

<sup>20</sup> *Os Smithson, acima de tudo, viam-se como a avant-garde do pós-guerra do Movimento Moderno.*

ROBINS, David, “The Independent Group: Forerunners of Post-Modernism?”, in David Robbins (ed.), *The Independent Group*. p.242

<sup>21</sup> O grupo MARS – Modern Architecture Research Society – nasceu de uma reunião de algumas figuras importantes da arquitectura inglesa com o intento de formar um grupo nacional representativo para o CIAM de 1933. Os seus fundadores foram Wells Coates, Maxwell Fry, Morton Shand e Pleydel-Bouverie; e entre os seus primeiros membros estavam arquitectos como Connel, Ward and Lucas, Berthold Lubetkin and Tecton, John Summerson, John Betjeman e Elizabeth Denby; assim como os engenheiros da Ove Arup e Félix Semuely.



ReIdentification que, tal como Dirk van den Heuvel reconhece, *debilitou completamente as convenções dos CIAM sobre análise urbana.*<sup>22</sup>

É necessário perceber que a importância dada à grelha Urban ReIdentification não foi um fenómeno sem precedentes; e que a inclusão de Alison e Peter Smithson no MARS Group não foi um acontecimento inocente. Desde a sua fundação que o MARS Group vinha minando o debate modernista dos CIAM com uma nova atitude – Como Royston Landau refere, alinou-se segundo um carácter quase apolítico numa procura pela necessidade de uma nova concepção da arquitectura em relação à estrutura da cidade.<sup>23</sup> No entanto, esta postura, ainda em maturação, aparecia fraca e vaga, dentro da discussão internacional da arquitectura moderna.

Por altura da participação do grupo MARS no CIAM 8 – em Hoddesdon (1951) – na sua situação pós-guerra, os órgãos de direcção ingleses seguiam as directrizes da Carta de Atenas de uma maneira burocratizada, como método de reconstrução eficiente das cidades recentemente bombardeadas. Em contrapartida, a comunidade MARS desenvolvia modelos de planeamento urbano com raízes no urbanismo britânico da tradição de Patrick Geddes e na Cidade-Jardim de Ebenezer Howard – MARS plan for London. Logo, o grupo MARS denotava uma aproximação à geração jovem presente no CIAM 9.

O CIAM 9 foi organizado segundo um programa de trabalhos que não deveria continuar o estudo das quatro funções, mas antes concentrar-se na vivência e tudo o que o Homem planeia e constrói para habitar. O programa de trabalhos para o congresso, estabelecido na reunião de Sigtuna<sup>24</sup>, teve como objectivo produzir uma *Chartre de l’Habitat* (Carta do Habitat) a partir da apresentação de uma Grelha de Habitação – um conjunto de grelhas dispostas em painéis formatados de modo regular apresentando análises e projectos que demonstrassem estudos feitos para além da “habitação familiar” concentrados nos elementos do ambiente imediato que são necessários a uma vida completa.<sup>25</sup>

---

<sup>22</sup> HEUVEL, Dirk van den, “Urban Re-Identification grid, 1953” in RISSELADA, Max; HEUVEL, Dirk van den (ed.), *Team 10*. p.30

<sup>23</sup> Cf. LANDAU, Royston, “The End of CIAM and the Role of the British, in “Rassegna” n°52. p.40

<sup>24</sup> Reunião que ocorreu em 1952, na cidade sueca de Sigtuna sob o tema “In Search of ‘Habitat’”, com o objectivo de estabelecer o programa de trabalhos para o CIAM 9.

<sup>25</sup> Cf. MUMFORD, Eric, “CIAM 9, Aix-en-Provence, 1953: The Charter of Habitat”, in MUMFORD, Eric, *The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960*. Cambridge (Mass.) : MIT Press, 2000. 383 p. ISBN 0262133644. p. 226

Foram apresentadas cerca de quarenta grelhas de entre as quais estavam quatro projectos e dois esquemas conceptuais de membros jovens do grupo MARS. Em representação do grupo, Alison e Peter Smithson, e William e Gillian Howell deram uma palestra sobre as relações humanas básicas – a habitação, a rua, a vizinhança, a cidade – para que no futuro, *na procura de formas maiores de relações humanas*,<sup>26</sup> fosse possível modelar um ambiente capaz de sugerir a fusão entre formas arquitectónicas e estilos de vida.

Entre estas grelhas encontrava-se a Urban ReIdentification Grid, que apresentava o projecto elaborado pelos Smithson para o concurso Golden Lane Housing, em Londres, de 1952.

*Na historiografia do nono congresso dos CIAM, as grelhas apresentadas pelos Smithson e pelo GAMMA Group de Marrocos, foram as que chamaram mais atenção. Expressavam uma crítica implícita à geração mais velha e ao CIAM anterior sobre “the heart of the city”, feito em Hoddesdon (1951).*<sup>27</sup>

Os Smithson e o membros norte-africanos<sup>28</sup> integraram a Comissão Seis deste CIAM - responsável pela elaboração de trabalhos sobre Questões Sociais – da qual surgiu a seguinte conclusão: o Habitat deve ser um contracto permanente entre a sociedade e o indivíduo, com direitos e obrigações recíprocos. Os Smithson, indo além desta conclusão, afirmaram que se deveria estabelecer uma hierarquia de associações humanas que deveriam substituir a hierarquia funcional da Carta de Atenas – ao invés das quatro categorias funcionais, esta hierarquia deveria ser baseada nas categorias que propunham de “casa, rua, bairro e cidade.”

Em sintonia com os membros norte-africanos e ingleses estava o grupo holandês que tinha como membros mais influentes Lotte Stam-Beese, Aldo van Eyck e Jaap Bakema, que presidiu à Comissão Um, sobre o Urbanismo. Este chamou atenção ao rápido aumento da escala do processo de urbanização europeu que levantava vários problemas de ordem sociológica, económica, geográfica, política e plástica. Pois para Bakema,

---

<sup>26</sup> Documento do English Group *apud*. VIOLEAU, Jean-Louis, “The Bitter Victory of the Situationist International”, in GOLDHAGEN, Sarah Williams, LEGAULT, Réjean (ed.), *Anxious Modernisms: experimentation in postwar architectural culture*. Cambridge (Mass.) : The MIT Press, 2000. 335 p. ISBN 0262072084. p.246

<sup>27</sup> HEUVEL, Dirk van den, “Urban Re-Identification Grid, 1953”, in *Team 10*, p.30

<sup>28</sup> CIAM – Alger e GAMMA (*Group d’Architectes Modernes Marocains*)

*qualquer proposta urbanística ou arquitectónica que ignore estas condições e não dê ao homem, a sua identidade não consegue atingir os requisitos da vida.*<sup>29</sup>

De acordo com um sumário da visão holandesa descrito por Eric Mumford, a identidade que Bakema refere encontra-se na unidade residencial, na unidade comunitária, na cidade, e na região, por outras palavras, em todos os estágios de multiplicação. Diferenciando funções, entre as da habitação, e as da unidade residencial, o grupo visual pode ser usado para facilitar a ideia de pertença. Este efeito oferece um enriquecimento do sentimento de vizinhança, que pode ser medido visualmente, uma vez que o olho é uma medida rigorosa de escala, e o que pode ser visto de relance é imediatamente reconhecido como uma entidade. O relatório elaborado pela Comissão Um enfatizava que o grupo visual tem, antes de tudo, uma base emocional: o agrupamento de unidades e elementos serve para facilitar a identificação emocional do indivíduo com o seu ambiente.<sup>30</sup>

Na base das ideias de escala de “associações humanas” e de “estágios de multiplicação” está um importante factor – o estudo do estabelecimento de comunidades segundo a observação e análise dos seus modelos de habitação e dos agentes sociais da mesma numa perspectiva baseada sociológica e antropológicamente.<sup>31</sup>

As grelhas que ilustraram este factor mais eficazmente foram: a grelha Bidonville Mahieddine do grupo CIAM-Algier, a grelha Habitat du plus grand nombre, do grupo GAMMA, e a grelha Urban ReIdentification dos Smithson.<sup>32</sup>

As duas primeiras grelhas apresentavam estudos desenvolvidos pelos grupos norte-africanos nas comunidades do seu país de origem: respectivamente na Argélia e em Marrocos.

A grelha dos argelinos<sup>33</sup> mostrava os estudos sobre a *bidonville* de Mahiedinne numa aproximação revisionista à sociedade colonizada da Argélia e dos seus elementos urbanos (*bidonvilles*). Procuravam desvendar as suas qualidades vibrantes, criativas e modernas através da compreensão dos seus princípios tipológicos argumentando que poderiam servir como fonte de inspiração e conhecimento para a comunidade CIAM.

---

<sup>29</sup> Cf. MUMFORD, Eric, “CIAM 9, Aix-en-Provence, 1953 : The Charter of Habitat”, in MUMFORD, Eric, *The CIAM discourse on urbanism*, p. 237

<sup>30</sup> Cf. MUMFORD, Eric, “CIAM 9, Aix-en-Provence, 1953 : The Charter of Habitat”, in MUMFORD, Eric, *The CIAM discourse on urbanism*, p. 237

<sup>31</sup> Que no caso de Alison e Peter Smithson é possibilitado pelo já referido contacto com Nigel e Judith Henderson.

<sup>32</sup> Para mais informação sobre os projectos ver RISSELADA, Max; HEUVEL, Dirk van den (ed.), *Team 10: In search of a utopia of the present*.

<sup>33</sup> Os arquitectos P. A. Emery, M. Gut, J. Lambert, L. Miquel e L. Ouhayoun, os urbanistas J. de Maisonneul e J. Wattez e os estudantes de arquitectura R. Simonet e L. Tamborini.

A grelha marroquina, desenvolvida pelo ATBAT<sup>34</sup> era ilustrada por fotografias das condições nas favelas norte-africanas (*bidonvilles*) e descrevia as forças demográficas que as construíram com o intuito de chamar à atenção dos elementos dos CIAM, os problemas da rápida urbanização nos países em desenvolvimento – “Habitat du plus grand nombre” (Habitação para o Maior Número).

Apresentava um relatório sobre a habitação marroquina, ou mais propriamente, o Habitat Marroquino que descrevia o crescimento das favelas em Marrocos contestando que toda a habitação proposta para tal população deve ter um carácter evolutivo e adaptativo adequado ao clima e tecnologia locais. Para o grupo ATBAT, o termo habitat era a consciência da habitação como processo evolutivo, que começava com a provisão da infra-estrutura básica da habitação, parcialmente edificada, disposta a receber os necessários progressos até um complexo mais desenvolvido, à semelhança da Unité d’Habitation – projecto que serviu de modelo ao qual se adaptaram as convenções islâmicas de privacidade e clausura. A acompanhar este relatório, era ilustrado o projecto para do bairro Carrières Centrales, em Casablanca, que servia como caso de estudo para estes princípios.

A extensa investigação e a impressionante apresentação desta grelha viriam a deixar a sua marca nos membros dos CIAM – *as grelhas exibidas pelos Marroquinos em Aix-en-Provence provocaram nos participantes do Congresso um verdadeiro choque*<sup>35</sup> – nomeadamente em Alison Smithson que viu os edifícios de Marrocos como o maior sucesso desde a Unité d’Habitation de Marselha de Le Corbusier. Enquanto a Unité tinha sido a soma das técnicas do pensamento sobre o habitat que tinham começado quarenta anos antes, a importância dos edifícios marroquinos era a de que tinham sido a primeira manifestação de uma nova maneira de pensar. Por esta razão foram apresentados como ideias: *mas é a sua execução em forma construída que nos convence que existe uma nova ordem universal.*<sup>36</sup>

*Foi a grelha dos ATBAT-Afrique, de Marrocos, não muito maior que a nossa, no entanto sem espaço desperdiçado; com os seus sóis dourados em varinhas e uma nova linguagem de arquitectura gerada por padrões de habitação que nos*

---

<sup>34</sup> ATBAT (*Atelier des Bâtitseurs*) era um grupo pertencente ao GAMMA, liderado por Vladimir Bodiansky, Georges Candilis, e Shadrach Woods.

<sup>35</sup> COHEN, Jean-Louis, “The Moroccan Group and the Theme of Habitat”, in “Rassegna” n°52. p.63

<sup>36</sup> Alison Smithson, *apud*. COHEN, Jean-Louis, “The Moroccan Group and the Theme of Habitat”, in “Rassegna” n° 52. p.67

*prenderam. O membros do Team Ten emergente encontraram-se mutuamente na sua admiração deste esquema, cerca de um terço do qual tinha sido construído.”<sup>37</sup>*

---

<sup>37</sup> SMITHSON, Alison, in SMITHSON, Alison (ed.), *Team Ten Meetings: 1953-1984*. New York : Rizzoli, 1991. 148 p. ISBN: 9052690766. p.12

## II

### A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PARADIGMA

Enquanto ilustração da nova corrente de pensamento das gerações jovens dos CIAM, a grelha Urban ReIdentification trazia consigo uma revisão dos princípios que haviam dominado o pensamento urbanístico do CIAM nas últimas décadas. Ao invés de seguir os propósitos iniciais do CIAM 9 – análise dos problemas da habitação europeus – o seu esquema era uma declaração que propunha a substituição das quatro categorias da cidade funcional tal como era propagandeada pela Carta de Atenas – habitação, trabalho, cultivo do corpo e da mente, e circulação – por noções mais fenomenológicas de casa, rua, bairro e cidade – quatro níveis justapostos, embora distintos, de associação humana, tal como lhe chamavam.

A escala de Associação Humana, é determinada (num momento anterior ao congresso) a partir da observação da interacção entre as comunidades operárias inglesas e o seu ambiente urbano imediato (como o caso dos habitantes de Bethnal Green), e é desenvolvida a partir da seguinte deliberação:

*O dever da nossa geração é simples – devemos reidentificar o Homem com a sua casa  
a sua comunidade  
a sua cidade<sup>38</sup>*

A partir deste pressuposto, Alison e Peter Smithson, procuram então identificar o problema decorrente do distanciamento do urbanismo modernista em relação ao Homem Comum; chegar a uma ideia – o estabelecimento dos objectivos a atingir; e encontrar um novo modelo de urbanismo – ilustrado pelo projecto de habitação Golden Lane.

A primeira demonstração deste projecto é feita através da sua entrada num concurso que visava a construção de um edifício de habitação colectiva num quarteirão da Golden Lane, em 1952. A rejeição da proposta por parte da direcção do concurso demonstra assim, como o projecto não era um modelo modernista banal, senão um modelo desenvolvido a partir de um novo paradigma – a Escala de Associação Humana.

---

<sup>38</sup> SMIHTSON, Alison; SMITHSON, Peter, “The Problem”, in *Ordinariness and Light*, p. 18.

## II.1

### O NOVO PARADIGMA ILUSTRADO

#### Urban ReIdentification Grid

A Urban ReIdentification Grid<sup>39</sup> apresentada por Alison e Peter Smithson no CIAM 9 compunha-se por um conjunto de textos e elementos gráficos ilustrando um projecto que condensava os conceitos da sua Escala de Associação Humana. Esse projecto é o Golden Lane Deck Housing – proposta apresentada num concurso promovido, em 1952, pelo London County Council, na área londrina de Bunhill Fields.

Expressavam uma crítica ás convenções do urbanismo modernista presentes na Carta de Atenas, que viam o Homem como entidade ideal num modelo regulado de acordo com as ideias de habitação, trabalho, cultivação do corpo e da mente, e circulação. Princípios esses que tinham sido estabelecidos como directrizes urbanísticas para a rápida reconstrução das cidades europeias bombardeadas pela guerra<sup>40</sup> – no seu caso específico, Londres. Imersos num contexto urbano de onde brotavam complexos habitacionais que ignoravam o contexto sociológico e cultural das comunidades que alojavam, como o caso da Unité d’Habitation<sup>41</sup>, propõem um modelo urbanístico (Golden Lane Deck Housing) fundamentado em novas convenções sociologicamente estabelecidas – casa, rua, bairro, cidade (Escala de Associação Humana) – procurando a identificação do Homem com a sua comunidade:

*O projecto Golden Lane Deck Housing relaciona-se / com o problema de identidade. Sugere que uma comunidade deve ser construída por uma hierarquia de elementos associativos e tenta expressar estes vários tipos de associação (a casa, a rua, o bairro, a cidade). / A concepção está em oposição directa com o isolamento arbitrário das chamadas comunidades da “Unité” e da “vizinhança”. / Acreditamos que tal hierarquia de associações humanas deve substituir a hierarquia funcional da “Chartre d’Athènes.”<sup>42</sup>*

---

<sup>39</sup> Em anexo encontra-se a grelha Urban ReIdentification e uma tradução do texto que a acompanhava.

<sup>40</sup> Expressa na sua palestra apresentada em representação do MARS Group.

<sup>41</sup> A Unité d’Habitation, de Le Corbusier, havia sido terminada recentemente, pelo que a crítica dos Smithson adquiria, assim, uma dimensão mais expressiva, dada a consagração do edifício como expressão significativa dos princípios da Carta de Atenas.

<sup>42</sup> SMITHSON, Alison; SMITHSON, Peter, CIAM 9, *Aix-en-Provence*, 24 de Julho de 1953; in SMITHSON, Alison (ed.), *Team Ten Primer*. Cambridge (Mass.): MIT Press, 1968. 112 p. ISBN: 9780262690478. pp.77-78.

Compõem assim, a Urban ReIdentification Grid como expressão visual deste novo conceito urbanístico – *o seu esquema era uma afirmação brusca, se bem que poética, que apontava a, nada menos que, a abolição das quatro categorias da cidade funcional tal como era propagandeada pelos CIAM.*<sup>43</sup> Ou seja, analisando a grelha de um modo integral podemos ver a pretendida substituição de cânones modernistas que se expressa num conjunto de elementos concretos que revelam uma ideia global latente.

A sua organização segundo um esquema diferente da grelha padrão dos CIAM<sup>44</sup> – muito embora, nesta fase dos CIAM, a versão original deste modelo viesse sofrendo alterações<sup>45</sup> – resultava na pretensão dos Smithson em apresentar um novo modelo que negava as convenções dos CIAM e as substituía por outras, novas. De acordo com Eric Mumford, esta grelha teria sido influenciada pelo contacto dos Smithson com artistas da época, como Jackson Pollock, o qual, Peter Smithson afirmou posteriormente, o influenciou a acreditar que uma *ideia de " ordem" mais livre, mais complexa, embora bastante compreensível, pode ser desenvolvida.*<sup>46</sup> Identificase também a influência de Nigel Henderson, pelo seu contributo nas fotos de Bethnal Green; as quais, tiradas segundo a perspectiva *as found* ilustram a mesma postura contemplativa dos Smithson sobre esta comunidade (influenciada por Judith Henderson); e que viria, aqui, a tornar-se o mote à ideia de Associação Humana.

A estrutura da grelha distribuída segundo: ideia, figura, projecto ideal; substituía a estratificação da grelha original – nove classificações temáticas de um projecto, na intenção de substituir a compreensão de um elemento concreto feita a partir da análise global das suas características (própria da grelha original do CIAM 7), substituindo-a por um conjunto de elementos concretos que expressam uma ideia geral.

No topo esquerdo da grelha está expressa, por escrito, a ligação de conceitos que estiveram na base da sua Escala – House; Street; Relationship (Casa; Rua; Relação). Ilustrado pelas fotos de Henderson, pretendia identificar o mote da ideia de Associação Humana: a riqueza de contactos possíveis numa rua, no seu estado mais expressivo: crianças que jogam à macaca na sua rua,

---

<sup>43</sup> HEUVEL, Dirk van den, "Urban ReIdentification Grid, 1953"; in *Team 10*. p. 30

<sup>44</sup> Desenvolvida por Le Corbusier e alguns membros do grupo ASCORAL (Assemblée de Constructeurs pour une Rénovation Architecturale), em 1947 para o CIAM 7 (Bergamo, Itália, 1949). Este modelo de grelha era um sistema de apresentação gráfica de projectos de planeamento urbano em painéis de 21x33 cm que podia ser montado em telas até 120 painéis. Os painéis, codificados por tema e função, podiam ser agregados de diferentes maneiras para fins de comparação, em bandas verticais ou horizontais de acordo com as nove classificações temáticas – ambiente, ocupação do terreno, volume construído, equipamento, ética e estética, influências sociais e económicas, legislação, fundos, fases de realização, e miscelânea – e em bandas horizontais ou verticais correspondentes às quatro funções, cada uma de acordo com um código cromático (verde = vida, vermelho = trabalho, azul = cultivação do corpo e do espírito, amarelo = circulação, e branco = miscelânea).

<sup>45</sup> Ver MARS Grid para o CIAM 8, in MUMFORD, Eric, *CIAM Discourse on Urbanism*. p. 208

<sup>46</sup> Peter Smithson *apud*. MUMFORD, Eric; "CIAM 9, Aix-en-Provence, 1953: The Charter of Habitat "; in *The Ciam Discourse on Urbanism*. p. 233



diante das entradas de suas casas. E é este o valor da rua, do bairro comum, que Alison e Peter Smithson procuram expressar – a capacidade de oferecer um ambiente de exterior urbano carregado de acontecimentos correspondentes ao dia-a-dia dos seus habitantes, um prolongamento da sua casa. Esta distribuição de elementos confirma a predominância da ideia geradora sobre o projecto objectivo. Ou seja, em vez de abranger algumas classificações temáticas relacionadas com a construção de uma obra como estabelecia a grelha padrão, apresentavam elementos mais próximos das classificações temáticas relacionadas com sociologia.

No centro, sobre a figura colorida pode ler-se “CIAM 9”. Estes elementos servem como identificação da grelha e dos seus autores, e como divisão entre os elementos da ideia e os elementos formais. A figura central da grelha parece estabelecer outra intenção. Numa referência às figuras “planas” da grelha original, parecia substituir as silhuetas estilizadas das figuras humanas em poses rígidas (semelhantes à do Modulor), por outra figura humana estilizada (que faz lembrar os recortes de Eduardo Paolozzi), que numa pose animada, é desenhada pela adição de figuras geométricas – por uma associação de elementos.

No topo da metade direita encontram-se as novas quatro categorias da escala de Associação Humana, o que evidencia o carácter ilustrativo do Golden Lane Housing, enquanto modelo arquitectónico desta escala, estratificado segundo as seguintes categorias: Assumptions; Associational Components; Physical Components (Suposições; Componentes de Associação; Componentes Físicos).<sup>47</sup>

Na categoria das suposições encontram-se outras duas imagens de Bethnal Green<sup>48</sup>, uma de crianças brincando e outra da rua enfeitada com bandeiras, para o Festival of Britain; acompanhadas por uma planta esquemática de Isfahan, no Irão. Este conjunto de imagens servia como exemplos específicos (descrito por um texto lateral) do seu conceito mais vasto – a Escala de Associação Humana.

Na categoria dos componentes de associação encontram-se as ilustrações dos exemplos da escala identificada no topo direito da grelha – House; Street; District; City (Casa; Rua; Bairro; Cidade) – que tomam forma no projecto de Golden Lane Housing. Novamente se repete o mesmo uso de um caso específico que demonstra uma ideia mais abrangente, expressa na categoria dos componentes físicos, que neste caso correspondem ao modelo urbanístico desenvolvido a partir do Golden Lane Housing.

Esta análise global da grelha confirma o conceito expresso no texto que a acompanha: *É importante perceber que os termos usados; Rua, Bairro, etc. não são para ser entendidos como realidades, mas como ideias; e que é nosso dever encontrar “novos”*

---

<sup>47</sup> Novamente se confirma a substituição das nove categorias dos CIAM, por três categorias que são uma aparência global do projecto.

<sup>48</sup> Também de Nigel Henderson.

*equivalentes para estas formas de associação na nossa nova sociedade “não-demonstrativa”.* <sup>49</sup> Observando o texto poder-se-á confirmar o porquê deste uso de elementos específicos demonstrativos de realidades abrangentes – não deviam ser entendidos rigidamente, senão como ideias ou exemplos de uma nova realidade:

*O problema de “reidentificar” o Homem com o seu ambiente não pode ser alcançado pelo uso de formas históricas de agrupamentos habitacionais, ruas, praças, áreas verdes, etc., uma vez que a realidade que estes apresentam já não existe.*<sup>50</sup>

---

<sup>49</sup> Excerto do texto que acompanha a Urban ReIdentification Grid; Cf. SMITHSON, Alison (ed.), *Team Ten Primer*. pp.77-78.

<sup>50</sup> *Ibidem*.

## II.2

### O NOVO PARADIGMA EM PROJECTO

#### Golden Lane Deck Housing

Recapitulando, a Urban ReIdentification Grid apresenta ilustrações do projecto Golden Lane Deck Housing segundo uma estratificação tripartida de acordo com: Suposições, Componentes de Associação, e Componentes Físicos. A cada um destes extractos referem-se os elementos específicos que: serviram de mote à escala de Associação Humana, ao projecto Golden Lane levado a concurso, e ao modelo urbanístico Golden Lane.

Na atitude revisionista em relação aos modelos urbanos do movimento moderno, os Smithson propuseram a substituição das directrizes da Carta de Atenas pela escala de Associação Humana; e apresentam o modelo urbanístico Golden Lane como substituto de modelos de cidade como a Ville Radieuse, no qual o Golden Lane aparece como nova versão de blocos habitacionais como a Unité d’Habitation.

Em 1970 é feita a publicação da teoria Urban ReIdentification no livro *Ordinariness and Light*. Editado pelo próprio casal, é a catalogação reorganizada dos pressupostos que estão na origem do discurso da Urban ReIdentification na sua transposição para um projecto a construir, e um modelo urbano do mesmo – Golden Lane Deck Housing.

O tema é apresentado por sete temas dos quais são centrais, o reconhecimento do Problema, a apresentação da Ideia e o reconhecimento e determinação da escala de Associação Humana.

O projecto Golden Lane Deck Housing, levado a concurso um ano antes do CIAM 9 – concurso de habitação colectiva, promovido pelo LCC, para a área Golden Lane, em Bunhill Fields (1952) – é apresentado no âmbito desta participação. A rejeição deste projecto pelos júris do concurso confirma a novidade da proposta – *O bloco de habitação era / o elemento base que podia ser multiplicado para criar uma superestrutura, um novo padrão urbano para a associação humana. / Vemos como o novo jogo de associações humanas deverá substituir a velha cidade bombardeada, e como as vicissitudes da vida do dia-a-dia são expostas pelas ruas no ar nas fachadas, dando assim, uma nova decoração urbana que celebra a vida urbana da rua.*<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> HEUVEL, Dirk van den, “Urban Re-Identification Grid, 1953”; in *Team 10*. p. 30

## II.2.1

### GOLDEN LANE DECK HOUSING

#### Escala de Associação Humana

##### O Problema

*O dever da nossa geração é simples – devemos reidentificar o Homem com a sua casa a sua comunidade a sua cidade*<sup>52</sup>

Em análise à situação da cidade sua contemporânea, Alison e Peter Smithson identificam

**O problema da relação entre habitante e casa** “We must make articulate the wants, the frustrations of the individual by means of na architectura that has in it the seeds of a different kind of city”

**o problema entre o homem e o seu jardim** “country is being separated from us: mere symbols are left.”

**O problema da falta de liberdade no crescimento das cidades** “cities must remain organisms that each age can make its own while it inhabits them.”; “A city is a living organism.”

**O problema da ligação do homem com a sociedade – trabalho; os elementos que o ligam à sociedade:** “rickety stair”; “avenue”; “estate road”; “lit corridor” – “These are man’s links with society, the vistas down which he looks at his world”

**O problema de criar um ideal de cidade inglês** “Le Corbusier created ideal plans for the Paris and Algiers of his time, but it is London and other English cities that we need an ideal to build towards for our time.”

**O problema da falta de capacidade do local em dar uma noção de identidade** “Man must know his position”; “One of the reasons why college and university life is enjoyable is that the student knows his exact position.”

---

<sup>52</sup> Alison e Peter Smithson, “The Problem”, *Ordinariness and Light*, p. 18.

**O problema da falta de barreira entre construção e verde** “Our cities have slumped senseless and we have been irresponsible enough to let their sludge spread over the surrounding countryside.”

A Ideia

“We must contract our cities”; “We must evolve the multi-level city?”; “We have to try to reidentify man with his environment”

A ideia tem que ver com a vontade de oferecer um modo de vida urbano a todos os habitantes da cidade – as vivendas no campo, os apartamentos na cidade - a spread town das cidades actuais oferecem problemas de distância entre o habitante e os elementos que o identificam, seja o trabalho, os amigos, o parque, qualquer elemento que lhe determine uma noção de pertença.

A ideia proposta pretende assim criar uma cidade em múltiplos níveis que permita ao habitante ocupar um determinado local ou um nível com que se identifique.

Nota: Este princípio da cidade logo ao virar da esquina baseia o tipo de cidade dos Smithson entrando em confronto opostamente directo com a cidade modernista, que era pensada a partir de uma admiração do movimento do automóvel sobre a cidade.

A vida que outrora se fazia à velocidade do automóvel faz-se agora à velocidade do peão.

Escala de Associação Humana

*A criação de ajuntamentos não arbitrários e de comunicações permanentes são as funções principais do urbanista. O grupo básico é, obviamente, a família; tradicionalmente, o próximo grupo é a rua (ou praça, ou jardim; qualquer palavra que por definição implique clausura ou pertença; portanto, “na nossa rua” ou “na estrada”), o próximo, o bairro; e finalmente a cidade. É o dever do arquitecto, e do urbanista, tornar estes grupos aparentes enquanto realidades tangíveis.*

Os smithson começam por mostrar que uma comunidade deve ser estabelecida, desenhada por elementos anexados numa progressão de escalas desde a casa até à cidade, em oposição ao urbanismo modernista que isolava os blocos em unidades independentes que constituíam todo um género de relações entre o indivíduo e a sua

envolvente, novas. Propõem o urbanismo como as árvores – desde a raiz até às folhas encontra-se um conjunto de elementos em constante associação. E assim como os veios das árvores são o elemento contínuo desde a raiz às folhas, também a rua é o elemento constante desde a casa até á cidade. É a rua que está diante da nossa porta, que nos leva ao outro lado do bairro, onde apanhamos o autocarro e vamos daí para o outro ponto da cidade. O modernismo eliminou essa ideia de rua desde a nossa porta até outro ponto. Desde o nosso bairro até ao outro bairro numa malha urbana contínua – no modernismo correspondia a um bloco isolado. Desde a sua porta até à porta do amigo, o pedestre tem que sair de casa, descer escadas, sair do edifício, percorrer um parque, entrar num bloco, subir escadas, e tocar à campainha do vizinho. A proposta de ruas no ar dos smithosn propõe que o pedestre saia de casa, percorra a rua, dobre uma esquina, percorra outra rua, desça uma escada, percorra outra rua, e depois bata à porta o vizinho. No entanto, compreendem perfeitamente que a rua que propõem não é a mesma que a rua habitual – é uma nova noção de rua que procura a ideia de rua: *É a ideia de rua e não a realidade da rua que é importante – a criação de espaços de reunião efectivos preenchendo a função vital de identificação e clausura, tornando a vida das ruas, socialmente vital, possível.*

- noção de que as coisas não devem ser diferentes sem razão; que construir um lugar diferente do seguinte não é identificar mas destruir a possibilidade dos dois fazerem mais sentido em conjunto. A assunção de que uma comunidade pode ser criada por isolamento geográfico é errada.

- apresentam as várias escalas de associação usando a rua como elemento condutor dessa associação.

- apresentam a IDEIA da rua que propõem

## II.2.2

### GOLDEN LANE DECK HOUSING

#### Golden Lane Deck Housing

Golden Lane Deck Living

Golden Lane Competition

Neste sub-capítulo, mais do que apresentar o projecto, devo relacionar entre a ideia do golden lane e a sua execução – cap. 8

Relacionar o projecto com os outros projectos a concurso e com isto colocar o golden lane dentro da discussão entre a geração jovem e a geração velha

É com esta frase que os Smithson iniciam o reconhecimento do problema no seu livro *Ordinariness and Light*. Esta publicação, que junta um conjunto de artigos sobre teoria urbana, desde 1952 a 1960 expõe, neste conjunto as ideias e observações patentes na teoria Urban Reidentification.<sup>53</sup>

Pretendiam resolver o problema de relação entre habitação e habitante. Procuravam o reconhecimento do habitante na sua relação com o seu espaço privado e com o seu espaço social. E situavam o seu discurso na época em que o declaravam: “Para as gentes jovens, há o problema insolúvel da habitação; para a grande maioria há o problema temporal da mudança de um ou mais membros da família, e o problema de como introduzir na sociedade a esposa deixada para trás em casa.”<sup>54</sup> Reconheciam que para a classe média não havia esperança – viviam no “anel ossificado” que circundava toda a cidade – na rua monótona e na casa geminada inventada ao estilo “victoriano” ou “eduardiano.”

Acreditavam que era possível alterar esta situação de vida das comunidades das classes média e baixa. E acreditavam encontrar-se no enquadramento económico-administrativo ideal para tornar possível a reconstrução em larga escala das cidades inglesas – uma Inglaterra que agora se reconstruía após toda a destruição perpetrada pelo bombardeamento desenfreado da Segunda Guerra Mundial. A reconstrução era financiada e governada pelo Estado. Programavam-se reparos em infraestruturas, reedificação da indústria nacional e a oferta de novas habitações. Por conseguinte, a maioria do trabalho para os arquitectos estava nos departamentos de governo local, que no caso de Londres, era o Lcc – London County Council. A reconstrução do terço da Londres que estava desfeita pela guerra estava a seu cargo, assim como a responsabilidade pela habitação pública, a partir de 1950. Logo, era aqui que os melhores profissionais desejavam trabalhar e, naturalmente, foi aqui que o maior debate arquitectónico se desenvolveu – os arquitectos das gerações mais velhas tendiam para um alinhamento político socialista tendo como patrono intelectual, William Morris, e a arquitectura social sueca como paradigma arquitectónico. A arquitectura sueca, chamada de Novo Empiricismo pela *Architectura Review*, era vista, pela geração de estudantes como comprometedora e pitoresca, e parecia uma traição à arquitectura sã e racional dos modernistas continentais. Para eles, a era *avant-garde* tinha começado nos

---

<sup>53</sup> Alguns destes artigos encontram-se transcritos em anexo.

<sup>54</sup> Alison e Peter Smithson, “The Problem”, *Ordinariness and Light*, p. 18.



anos vinte – O Período Heróico – e a Segunda Guerra Mundial era vista como uma interrupção no continuum histórico do Movimento Moderno.<sup>55</sup>

De acordo com Helena Webster, a generalidade dos arquitectos do período inter-guerra produziam um trabalho que era teoricamente fraco e decepcionantemente estilizado. E uma prova clara deste facto é o próprio concurso para o Golden Lane.

Na opinião de Nicholas Bullock, a participação dos Smithson no concurso Golden Lane evidenciava, não só, o modo como o seu trabalho estava a evoluir desde Hunstanton, mas também a diferença entre o seu trabalho e o da velha geração mais velha dos modernistas.

O esquema vencedor, desenhado por Geoffrey Powell, exemplifica a nova ortodoxia: elogiado pelo seu carácter semelhante a uma aldeia, os blocos estavam divididos em diferentes tipos de habitações, desde apartamentos de um quarto a apartamentos de três quartos num edifício de doze andares, a *maisonettes* de três e quatro quartos nos blocos de quatro andares. Powell usou os blocos diferentes deste conjunto misto para criar uma paisagem urbana centrada numa praça e manter a volumetria da cidade circundante. Mas, apesar de toda a maestria do plano, a arquitectura da competição vencedora continuava diagramática.

Os esquemas que ficaram em segunda e terceiro lugar mostravam a mesma competência na organização e no plano, e a mesma arquitectura moderna insonsa. Mas o esquema que ficou em quarto lugar, desenhado por David Gregory Jones, um membro comunista da LCC Housing Division, era diferente, tanto a nível formal como na aproximação ao planeamento: as habitações eram colocadas em blocos de seis andares que seguiam o perímetro do terreno para encerrar todo o espaço interior num pátio central. Este edifício relativamente baixo, que encaixava bem com a escala da vizinhança, estava desenhado com coberturas inclinadas e paredes portantes. O efeito geral e os detalhes eram reminiscentes de alguma da arquitectura sueca mais conservadora. Para Bullock, “aqui estava um exemplo da “arquitectura do povo” instada pela extrema-esquerda e desprezada pelos admiradores de Le Corbusier.”<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup> É necessário compreender que embora as gerações jovens, e principalmente os Smithson, assumissem uma posição crítica e de transformação da doutrina modernista anterior (pré Segunda Guerra Mundial), encaravam-se como descendentes directos dos mestres deste período. Reyner Banham sugeriu que os arquitectos jovens se viam como parte da linhagem do movimento moderno: “O que esta geração procurou foram as justificações históricas para as suas próprias atitudes, e procurou-as em duas áreas principais da história – as tradições da própria arquitectura moderna e as tradições mais distantes do Classicismo.” - in *Modernism Without Rhetoric*, p.17.

<sup>56</sup> Nicholas Bullock, “Old masters and young Turks”, in *Building the Post-war World*, p. 118

O contraste entre estes projectos e o dos Smithson não podia ser mais óbvio. O *Architect's Journal* destacou o projecto dos Smithson como sendo desenhado por “extremistas” – no sentido em que Le Corbusier era considerado um extremista pelo seu desenho da famosa Unité d’Habitation.

Para os Smithson, esta ocupação do território da cidade inglesa com uma arquitectura modernista globalmente acrítica significava a perda de uma “grande oportunidade” porque até então, “já ninguém (tinha) uma ideia clara”<sup>57</sup> da verdadeira necessidade da arquitectura de habitação colectiva, segundo a sua perspectiva – “A casa, a concha que cabe nas costas do Homem”<sup>58</sup>, devia ser organizada apenas com os elementos adicionais que se provam necessários à vida espiritual e física: “A casa ideal é a que podemos tornar como nossa, sem alterar nada. Fazê-la nossa dentro dos limites da moda e do momento e sem sentir qualquer tipo de pressão por comunicar a trivialidade singular individual ou por nos instalarmos de uma maneira absurda.”<sup>59</sup>

*Hoje em dia, em todas as cidades europeias, podemos ver a arquitectura racionalista a ser construída. Prédios de apartamentos ordenados entre Norte e Sul, em blocos paralelos, exactamente àquela distância, uns dos outros, que permite que o Sol de Inverno entre nos pisos inferiores, e altos o suficiente para ter a densidade ocupacional, economicamente viável, do terreno. Onde a extensão do complexo é a suficiente, podemos ver o trabalho dos pressupostos teóricos; habitação, trabalho, recreação (do corpo e da mente), e circulação; e perguntamo-nos como podem alguém acreditar que nestes se encontra o segredo do planeamento urbano.*

*A insatisfação que sentimos hoje em dia deve-se à inadequação destes movimentos em oferecer um ambiente que dá forma à ideia de ordem da nossa geração. As formas construídas históricas não apareceram por acaso ou por Arte, elas atingiram a ordem através de organização significativa, e as formas têm uma validade permanente, uma vida secreta, que vive para além do seu uso directo. Cada um de nós reconhece a Rua, o Lugar, o Verde Urbano, a Grande Avenida, o Kraal, ou a Bidonville como invenções*

---

<sup>57</sup> Alison e Peter Smithson, “The Problem”, *Ordinariness and Light*, p. 18.

<sup>58</sup> Alison e Peter Smithson, *Architectural Design*, Julho 1955, in Alison Smithson, *Team Ten Primer*, p. 78.

<sup>59</sup> Peter Smithson, Inverno de 1970, “Signs of Occupation”, conferência escrita para o Seminário Wittwatersrand, 1970, in Alison e Peter Smithson, *Changing the Art of Inhabitation*, p. 126.

*urbanas, como extensões da casa e componentes da cidade que satisfizeram as necessidades e aspirações das gerações passadas noutros lugares.*<sup>60</sup>

Urban ReIdentification defende que o todo é dependente de um conjunto de elementos individuais com uma característica própria. Ou seja, os Smithson defendem que uma cidade é composta por uma escala de associações de elementos com uma identidade própria. Fundamentam tal ideia na relação na pintura, na admiração que têm pelos quadros de Jackson Pollock, segundo os quais “... é mais como um fenómeno natural, uma manifestação, em vez de um artefacto; complexo, intemporal, “não-dimensional” e multi-evocativo.” Vão mais além afirmando que tal característica resulta duma mudança de paradigma na arte onde se consideram as partes não como simples agentes, mas como elementos que contém neles próprios a sua própria disciplina interna actuando de modo complexo num sistema total de forças. Flexibilidade e identidade são o resultado lógico de uma atitude correcta em direcção à parte. Esta consciência toma forma na arquitectura sob a noção de que o indivíduo (pessoa, habitante) é um elemento único dentro de uma ordem social abrangente e heterogénea. Defendem o direito de identidade e de escolha do indivíduo – a casa deve obedecer às necessidades do indivíduo. Este princípio está na seguinte ideia – “A escolha deveria ser do indivíduo e não do Estado” – onde afrontam as políticas de habitação social que vigoravam na época. Defendem que o indivíduo precisa somente de uma célula para si próprio e para o seu carro, e não lhe deve ser apresentada como solução uma casa “semi-desligada” só porque a geração burguesa anterior tinha tal tipo de habitação.

Mas para melhor compreender a importância deste projecto, é necessário percebê-lo a partir das palavras dos próprios Smithson. No seu artigo dedicado às escalas de associação humana – “Human Associations”<sup>61</sup> – podemos encontrar os pressupostos sob os quais o projecto se desenvolveu. Estes pressupostos começam com as questões:

*O que é que procuramos?*

*Podemos assumir a existência de um padrão de associação ideal?*

*No vazio – sem saber o que fazer – é correcto continuar a construir para um padrão de vida ossificado?*

*As ideias sobre como oferecer habitação estão (numa) tremenda confusão.*

---

<sup>60</sup> Alison e Peter Smithson, *Ordinariness and Light* pp. 106-107

<sup>61</sup> A tradução livre deste capítulo encontra-se em anexo.

*As coisas não deveriam ser diferentes sem nenhuma razão.*

*As coisas da mesma ordem deveriam ser tão semelhantes como as folhas.*

*Construir uma “propriedade” onde cada casa é diferente não é identificar, mas destruir a possibilidade de fazerem maior sentido em conjunto.”<sup>62</sup>*

Alison e Peter Smithson apresentam uma organização urbana disposta em duas camadas. Entendiam que essas duas camadas deveriam substituir a organização urbana defendida pelo movimento moderno, pois para eles o urbanismo exposto na Carta de Atenas não resolvia nem reconhecia os verdadeiros problemas espaciais do séc. XX – a definição da escala urbana a partir do automóvel era para eles um problema de “vastidão humana” difícil de resolver e que exigia uma resposta imediata. Desta forma, sugeriam uma cidade dividida e vivida em diferentes níveis que eliminaria a obrigação de ter que recorrer sempre ao terreno, ao chão para percorrê-la – esta proposta de uma cidade em diferentes camadas aumentaria a fluidez da vida urbana.

A mesma deveria ser organizada em *cluster* – conceito desenvolvido pelos Smithson em oposição ao “tabuleiro de xadrez colossal, axialmente organizado”<sup>63</sup> do plano Voisin de Le Corbusier. A nova malha urbana procurada pelos Smithson tinha mais a ver com fluidez do que com medida. Procuraram assim, um planeamento urbano que, através da forma construída, pudesse dar sentido à mudança, ao crescimento, à fluidez e à vitalidade da comunidade – “O *cluster* é uma agregação complicada, por vezes móvel de uma malha estreita, mas uma agregação com uma estrutura distinta.”<sup>64</sup>

No conceito de *cluster* não há um centro, mas vários – áreas de grande intensidade de uso relacionadas com a indústria, com o comércio, com entretenimento deveriam ser distribuídas ao longo da comunidade e ligadas entre elas e com áreas residências de grande dimensão através de grandes vias automóveis. Esta disposição de áreas deveria oferecer ao habitante a capacidade de viver no local pretendido sem ter que estar necessariamente limitado pela proximidade com o local de trabalho.

É também um sistema urbano “aberto”, passível de aceitar alteração consoante a necessidade local e actual. E que permite ainda a ligação à malha urbana existente de um modo fluído, sem cortes violentos.

---

<sup>62</sup> Alison e Peter Smithson, *Ordinariness and Light* pp. 39-40

<sup>63</sup> Alison e Peter Smithson, *Ordinariness and Light* pp. 129

<sup>64</sup> Alison e Peter Smithson, *Ordinariness and Light* pp. 130

Dividiam a cidade em duas camadas principais de mobilidade – uma camada de transportes, que pelo seu peso e características fica assente no terreno; e uma camada pedestre ligada à primeira por terminais de conexão vertical que pressupunham novos sistemas de acesso vertical.

A camada correspondente às vias automóveis deveria ser proposta a partir de um novo sistema viário. Os Smithson propõem um sistema viário à escala da cidade capaz de garantir a necessária compreensibilidade e identidade à malha urbana – uma malha de conexões urbanas de grandes distâncias entre diversos “centros” (ou núcleos) da mesma cidade, e entre diferentes cidades. Procuravam com isto resolver o caos urbano da deficiente escala de fluxos viários – “No chão há caos. Toda a estrutura tradicional foi perdida num mar de compromissos, e uma rua urbana pode ser a Great North Road ou o acesso das traseiras de uma loja de esquina.”<sup>65</sup>

Esta mesma camada pontua-se por outra camada composta pelos elementos urbanos de grande escala, como fábricas, armazéns, clínicas, e centros comerciais, que pressupõem actividades horizontais, que ocupam grandes áreas e que dependem da ligação facilitada às vias automóveis – esta camada define os padrões dos elementos no terreno. Assim, estas duas elementos fixos definidores de áreas – “Isto significa, não só colocar um edifício num local, mas criar um local com um edifício.”<sup>66</sup> Elementos como edifícios de escritórios, hospitais, hotéis e lojas têm conexões facilitadas às plataformas pedestres quando não puderem ocupar as próprias plataformas. O estacionamento automóvel poderia ocupar qualquer nível que o condutor pretendesse visitar a partir de rampas de estacionamento existentes nos edifícios comerciais de grande dimensão.

A camada deveria ser intervalada por uma grande mancha verde – “Devemos ser capazes de sentir a terra, não só na última casa nova dos subúrbios. Terra fluindo sob os nossos narizes; parques, relvados, e hortas.”<sup>67</sup> Propunha-se assim grandes parques e jardins onde a cidade fosse usada mais intensamente e espaços verdes e hortas perto de todas as casas. As actividades ao ar livre deveriam estar à distância pedonal de cada casa. Estas áreas verdes poderiam tomar a forma de colinas que os Smithson consideravam uma grande ideia formal em constante mutação que estabeleceria uma nova dimensão de contacto com a terra – a mesma terra subiria para encontrar as plataformas em pontos mais elevados.

---

<sup>65</sup> Alison e Peter Smithson, *Ordinariness and Light* p. 65

<sup>66</sup> Alison e Peter Smithson, *Ordinariness and Light* p. 185

<sup>67</sup> Alison e Peter Smithson, *Ordinariness and Light* p. 68

Sobre esta camada situavam-se as plataformas pedestres, ou “ruas no ar”. Correspondentes aos planos de circulação para pessoas desenhavam-se em sistemas irregulares e de livre determinação que ofereciam rotas e espaços para os padrões aleatórios do movimento pedestre. Deveria ser um organismo livre em permanente mutação abrangendo as necessidades locais e momentâneas dos seus ocupantes. Tomava a forma de blocos interconectados em eixos que comportavam as ligações verticais. Nestes eixo de duplo ou triplo pé direito situavam-se as áreas de encontro mais importantes. - lojas, cafés, bares, centros de saúde, dentista, etc. – muito embora as próprias ruas previssem os mesmos elementos em determinados níveis das plataformas. A intenção seria a de criar um sentimento de vizinhança dada pela proximidade das habitações em todos os níveis do complexo, pela existência de áreas semi-privadas das habitações em contacto directo com a rua no ar, e pela facilidade de movimento horizontal a todos os níveis da cidade onde a distância entre áreas estaria apenas a um plano de distância desta a porta da casa ao local desejado.

Esta nova malha, trabalha numa relação entre cheios e vazios inversa à malha urbana histórica, onde a rua constitui o vazio e a habitação o cheio; anexa a habitação à rua e as duas constituem o cheio “desocupando” o restante para a circulação viária e elementos de grande escala.

Em 1952 Alison e Peter Smithson produzem um projecto sujeito a competição que contemplava a reabilitação uma área da Londres Central de acordo com os princípios de Reidentificação Urbana. O projecto de habitação Golden Lane foi rejeitado.

Golden Lane é parte de uma área conhecida como Bunhill Fields, que estava programada para o Comprehensive Developmet (Desenvolvimento Abrangente) pelo London County Council. Tinha sido, quase completamente, arrasada por bombardeamentos e tinha, também, sido usado como local de despejo de cascalho provocado pelos mesmos. A exploração da área, à altura da competição, estava sendo edificada por um péssimo conjunto de habitações e edifícios em altura. Já não existiam campos em Bunhil, mas existia uma vista em altura para Sul – podiam admirar-se a S. Paulo e a Pool of London.

A área bruta do terreno em competição, incluindo partes das ruas envolventes, era de 2 hectares. A densidade populacional aprovada para o local era de 100 pessoas por hectare. A população deveria ser calculada segundo a medida de 1.1 pessoas por quarto

habitável e o máximo possível de habitações de vários agregados familiares deveria ser garantido.

Dentro deste sistema e com rigorosa atenção à economia, os Smithson tentaram provar que viver em locais de alta densidade não significava, necessariamente, baixos padrões de vida; que um modo de vida infinitamente mais rico e satisfatório era possível; e que isto não obrigava à demolição de áreas inteiras, mas que podia ser construído conforme os terrenos ficassem disponíveis.

Para isso propuseram três níveis de “ruas no ar”. Em cada plataforma deveriam viver 90 famílias, com as suas actividades de grupo concentradas nos dois cruzamentos das ruas. Estes cruzamentos, com triplo pé-direito, contrastavam com a altura de um nível das plataformas, para admitir áreas de estar e de encontro. Aqui, e nos limites das plataformas sem ligação (também com triplo pé-direito) concentravam-se também os acessos verticais – escadas e elevadores.

Todas as habitações eram desenhadas com as suas portas da frente ao nível da plataforma e as suas acomodações principais abaixo ou acima da mesma. Diferenciavam-se em disposições “separadas”, “semi-separadas” ou “geminadas” garantindo assim as diferenças entre plataformas, identificando-as. A unidade base é igual para todas as habitações do esquema, e vários tamanhos de família podem ser acomodados em quartos adicionais ao nível da plataforma. Anexados estes quartos adicionais estão pátios-jardim – 5x2.5m quando se ligavam nas habitações com quartos adicionais. Estes pátios-jardim manteriam uma relação visual próxima com a plataforma, trazendo a vida do exterior de uma casa normal – jardinagem, limpeza de bicicletas, instalações, pombos, brincadeiras de crianças, etc., para a plataforma, identificando as famílias com a sua “casa” na sua plataforma. E permitiriam ao transeunte a vista da cidade e de rio, filtrados pelos pátios-jardim abertos.

As plataformas pedestres não seriam meras varandas. Os Smithson previam que duas mulheres com carrinhos de bebé poderiam parar e falar sem obstruir o fluxo, e seriam seguros para as crianças pequenas, uma vez que os únicos veículos com rodas permitidos seriam os carrinhos de mão – e os carrinhos eléctricos dos comerciantes. Estas, dispostas a partir do solo, albergariam, no piso térreo habitações de 4 e 1 pessoas; na primeira plataforma, habitações de 4 e 2 pessoas; na segunda, habitações de 3 pessoas; e na terceira plataforma, habitações de 3 e 2 pessoas. Estas habitações estariam organizadas de maneira a que a secção vertical do complexo tivesse as habitações na mesma proporção em todo o conjunto, numa estrutura modular que permitiria, no

entanto, as necessárias variações para se adaptar às necessidades locais. Por exemplo, o uso de casas como lojas ou oficinas não iria interferir com o funcionamento do plano, uma vez que se possibilitava a existência de duas entradas por intermédio do pátio-jardim usando-se este como entrada como a entrada das ditas lojas ou oficinas. Os Smithson garantiam que tais mudanças melhorariam apenas a aparência do complexo pois os padrões da fachada resultavam da disposição lógica das partes em concordância com a atitude e necessidades sociais – “a ordem é baseada em padrões de vida, e não em padrões de arquitectura.”<sup>68</sup>

Para reflectir a continuidade da rua plataforma, os blocos articulavam-se ininterruptamente sendo, no entanto, pontuados pelas “juntas de expansão” seguindo as suas próprias leis. A total penetração dos jardins-pátio dissolve o efeito de parede morta do bloco de habitação convencional, e produz “vinhetas de vida e céu constantemente mutáveis”; sendo a habitação individual a medida para o todo – as pessoas seriam a decoração predestinada.

Nenhum edifício teria o seu ponto de entrada principal no chão. Alison e Peter Smithson queriam que a descida ao terreno fosse como um pequeno evento “tal como ir ao cinema, à escola, ao escritório, ou jogar ténis, uma viagem especial por um motivo especial.”<sup>69</sup> O acessos aos blocos de habitação seriam, então, através de garagens em vários níveis e rampas de estacionamento e as entradas públicas de algumas lojas e escritórios poderiam ser feitas directamente a partir de plataformas pedestres.

As vias no ar seriam uma rede para a qual toda a gente se conecta, tão congestionada como qualquer outro serviço público, mas suficientemente revolucionária para tornar a reorganização urbana possível – para fazer da “reidentificação urbana” um facto.

Alison e Peter Smithson questionaram-se se a densidade desejável de tal conjunto habitacional seria de 250 pessoas por 5000m<sup>2</sup> ou não. Com o bairro totalmente desenvolvido, os padrões da legislação de planeamento urbano de Londres, para o dia, poderiam ser mantidos até ao dobro da altura do projecto Golden Lane. Anteviram que com áreas de compras completamente desenvolvidas, garagens de vários pisos, serviços distritais e a total desocupação do terreno, alturas acima dos 50 metros seriam necessárias. No entanto, por uma questão de senso comum propuseram manter uma altura máxima de 60m em áreas residências – “As folhas nas árvores deveriam ser

---

<sup>68</sup> Alison e Peter Smithson, *Ordinariness and Light* p. 58

<sup>69</sup> Alison e Peter Smithson, *Ordinariness and Light* p. 59



reconhecíveis desde os nossos edifícios mais altos.”<sup>70</sup> – sendo que nos escritórios, lojas, hotéis, etc., onde a plataforma já não era necessária como espaço social não propunham nenhuma espécie de limite de altura – “A experiência Americana sugere que não há limite de altura estrutural ou psicológico.”<sup>71</sup>

Anos mais tarde, Alison e Peter Smithson elaboram um texto onde desenvolvem algumas considerações sobre a possível construção do complexo habitacional do Golden Lane.

Esta consideração pressupunha alterações nas células habitacionais. As casas seriam mais largas e mais simples que as do Golden Lane; as suas salas e equipamentos seriam previstos segundo padrões regulamentares – acabamentos interiores, divisórias, equipamentos e serviços seriam, primeiro que tudo, dos mais simples: “Providenciariamos espaço suficiente para tornar possível a vida civilizada, e os ocupantes iriam mobilar aquelas coisas que seriam pessoalmente essenciais. Logo, poderíamos fornecer o homem que morreria sem um papel de parede de Morris ou uma casa de banho privado para visitas.”<sup>72</sup>

Supunham que, para construir complexos de ruas e bairros a vários níveis com tais casas, deveria ser inventado um sistema construtivo capaz de absorver um número de variações considerável; um que conseguisse garantir vários comprimentos de plataformas, diferentes tipos de organizações de bairros, ligações, penetrações, garantir a facilidade de circulação e liberdade de agrupamentos fundamentais à ideia original. E tais sistemas deveriam ser económicos, capazes de competir com outros tipos de organização de cidades com os seus próprios meios. Previam então uma estrutura em caixa que poderia funcionar eficazmente a alturas máximas entre 45 e 60 metros, ou seja, cerca de cinco níveis de plataformas.

A posição das vias públicas – as estradas principais – e a localização geral de lojas, mercados, bancos, pequenas oficinas, etc., teriam que ser decididas antes do estabelecimento das ruas-no-ar.

Acima de tudo, acreditavam que no espaço de uma geração, a cidade poderia servi-los novamente, se ao menos pudessem começar. E com noções de cidade flexível poderiam enfrentar as mudanças inevitáveis:

---

<sup>70</sup> Alison e Peter Smithson, *Ordinariness and Light* p. 60

<sup>71</sup> Alison e Peter Smithson, *Ordinariness and Light* p. 60

<sup>72</sup> Alison e Peter Smithson, *Ordinariness and Light* p. 95

*A ideia de uma cidade aberta, vivida em plataformas pedestres é completamente possível; é capaz de organização; não está limitada ao trabalho de um homem, a um horário, ou a um estilo.*

*A ideia pode ser simplesmente declarada.*

*É uma ideia capaz de extensão. A sua colocação não está dependente de um rigor geométrico, e as secções podem ser construídas à medida que o terreno vai ficando disponível, e posteriormente conectadas. Esta acção poderia libertar a cintura decadente que está em redor da maioria das nossas cidades. Aplicado a Londres, a velha franja doméstica formaria uma nova fronteira à Inner City (Centro da Cidade). Estes elementos mais remotos poderiam formar ameias de onde se poderia observar a área livre do sopé de Highgate e Hampstead.*

*Por esta altura, pequenas unidades estariam emergindo por entre o mar de subúrbios periféricos – formas crescendo finitamente nos seus campos de recreio.*

*Este processo seria aplicável a todas as áreas urbanas antigas.*

*Todas as cidades seriam capazes de sentir a sua forma; ver a terra desenrolar-se nela.*

*O homem nas ruas seria capaz de ver os monumentos da cidade que a qualquer passo o poriam em exacta relação com a sua envolvente.*

*Os contornos da cidade já não passariam despercebidos e os edifícios famosos já não ficariam escondidos: tal como em Istambul, deveríamos ver a nossa cidade espriar-se em padrões significativos em constante mutação.*

### III

## UMA IDEIA CONSTRUÍDA:

### ROBIN HOOD GARDENS HOUSING PROJECT

O período de tempo que situado entre o Golden Lane Housing Competition (1951-1952) e o Robin Hood Gardens Housing Project (1962-1972) testemunha a transformação do discurso dos Smithson desde o primeiro até ao segundo. Depois de completar a Hunstanton School (1950-1954), Alison e Peter Smithson entram numa fase de escassez de encomendas, embora tivessem uma participação activa em concursos e no debate arquitectónico internacional da época – aparte os inúmeros artigos publicados, os Smithson estavam a estabelecer-se como figuras centrais do Team Ten (associar a um texto independente deste uma rápida apresentação do Doorn Meeting e do CIAM X), o que resultou numa crescente importância no delinear da “nova rota” da arquitectura europeia. Segundo Helena Webster, esta falta de oportunidades para construir era vista pelo casal e pelos seus aliados como a conspiração de um *establishment* complacente e reaccionário.

Esta situação terminou com o The Economist Building (1960-1964) onde os Smithson aplicaram algumas das suas teorias – *cluster*, *growth*, *change*, e *mobility* – que haviam começado com o Golden Lane e que desenvolveram noutros projectos como a Sheffield University (1953), o Berlin Hauptstadt (1957-58) e o London Roads Study (1959). No entanto, não é senão no projecto Robin Hood Gardens que os Smithson se comprometem a construir estas mesmas teorias num projecto de habitação colectiva.

### III.1

## DO GOLDEN LANE AO ROBIN HOOD GARDENS: Enquadramento na obra dos Smithson e no discurso do Team Ten

A forte presença dos membros “jovens” no CIAM 9 viria a ditar o futuro dos Congressos. Impressionados pelos desenhos e discursos destes associados que defendiam à viva voz um caminho para a arquitectura que já não era o seu, os membros “mais velhos” dos CIAM puseram nas mãos da nova geração, a tarefa o congresso seguinte.

Em Janeiro de 1954, os membros jovens reúnem-se em Doorn. Motivados pelos paralelismos entre os seus discursos, procuram desenvolvê-los de modo a encontrar uma retórica que os una debaixo de um mesmo princípio claro; pois como Helena Webster reconhece, a coesão do grupo tinha mais a ver com a oposição à velha guarda do que um discurso comum. No entanto, é necessário perceber que não procuravam uma ideia que os governasse segundo uma lógica rígida comum; o que procuravam era um estabelecimento claro de ideias que partilhavam. Ideias essas que deveriam ser mais como guias de acção que permitissem a necessária adaptação ao trabalho do arquitecto, e às condicionantes sócio-culturais do local onde o mesmo trabalha.

Na reunião de Doorn participam Peter Smithson e John Voelcker (Inglaterra), Jacob Bakema, Aldo van Eyck, H. P. Daniel van Ginkel e Hans Hovens-Greve da Holanda. Segundo Royston Landau entre as reuniões e conversas surgem os seguintes pontos de vista: o de Bakema que, embora aberto à nova relação entre Homem e arquitectura, comprometia-se ainda com as premissas mais antigas dos CIAM; o de van Eyck fundava-se num cepticismo em relação ao pensamento dos CIAM que se aproximava de uma reavaliação ideológica e formal, favorecendo um parâmetro de interpretações mais vasto; a visão de Peter Smithson procurava uma reavaliação e “rearticulação” a linguagem arquitectónica conceptual dos mestre dos CIAM nunca vendo os conceitos como autónomos, senão como na sua relação com outros conceitos de tal maneira que as relações são tão importantes como os próprios conceitos – um princípio exposto no “Parallel of Life and Art”.

Peter Smithson prepara-se muito bem para esta reunião – o conceito de escala de “associações humanas” até maturá-lo. Posto isto, este conceito influenciou fortemente o Manifesto de Doorn, que tinha como tema central o Habitat na sua escala de “associações” – entre o indivíduo e a envolvente ambiental natural e construída que o envolve. Esta escala percorria os seguintes estádios – edifícios isolados, aldeias, vilas e cidades – de acordo com a Secção em Vale de Patrick Geddes. O Manifesto de Doorn vinha viria a ser proposto como revisão metodológica das quatro funções da Carta de Atenas: “Este modelo de trabalho irá induzir um estudo das associações humanas como princípio fundamental, e das quatro funções como características de cada problema absoluto.

Apesar de alguma discussão entre os membros do Team Ten e entre o mesmo e os directores do CIAM, o CIAM 10 é realizado em Dubrovnik em Agosto de 1956 sob o tema “Problemas do Habitat Humano”. Este marca o afastamento entre as duas gerações que vem ser determinar, entre outros factores, o seu fim – apenas mais uma reunião em Otterlo, a Setembro de 1959. No entanto, esta curta fase consegue apresentar à comunidade e arquitectos interessados as novas bases ideológica que viriam a governar a prática arquitectónica dos anos seguintes. E assim, é possível ver como a escala de associações humanas que os Smithson desenvolvem tem importância nesta fase de transição, pois está na origem do manifesto que altera os paradigmas que dirigem a arquitectura futura.

Posto isto, não é de admirar que no próprio trabalho dos Smithson, a teoria de associações humanas se mantenha como tema central de trabalho. Os dois foram escolhendo e desenvolvendo projectos que pudessem servir como usavam casos de estudo e teste dessa teoria – a citação que fecha o capítulo anterior dá conta, embora de uma maneira indirecta, dessa mesma linha contínua. E tal como Helena Webster reconhece, essa linha evidencia-se da seguinte maneira:

*O projecto (Robin Hood Gardens) pode ser colocado na linhagem de pensamento sobre a habitação contemporânea que começou com a participação na competição Golden Lane (1951-52), e foi desenvolvido no do Berlin Hauptstadt (1957-58), e no London Roads Study (1959).<sup>73</sup>*

---

<sup>73</sup> Helena Webster, “Modernism Without Rhetoric: The Work of Alison and Peter Smithson”, in *Modernism Without Rhetoric*, p73

O Golden Lane Competition – base da “árvore genealógica” – é o projecto onde os conceitos decorrentes da teoria de “Associação Humana” são expostos no seu estado mais primitivo. A entrada no concurso Berlin Hauptstadt surge então como nova oportunidade de aplicar os mesmos conceitos num contexto urbano. Correspondendo à reconstrução do centro bombardeado de Berlim, os Smithson vêm aqui a possibilidade de transpor a malha habitacional do Golden Lane para um contexto urbano central, ao qual correspondia funções económicas e de serviços. Propõem uma nova malha pedonal sobreposta à existente que toma a forma de duas plataformas sobrepostas. Esta nova malha permitia o crescimento livre e a mudança de funções segundo uma atitude conjuntiva. E esta foi determinada segundo a variação de núcleos decorrente da teoria de Associação Humana – distinguiram-se núcleos sociais, económicos, comerciais e históricos – estes últimos tomam correspondem à inclusão de edifícios históricos numa atitude inclusiva.

A mesma plataforma estabelece uma atitude contemplativa em relação à malha viária sobre a qual poisa – segundo Peter Smithson: “A chave para o plano e para o conceito está nos padrões de movimento. O automóvel cria novos padrões e novas formas de percepção. Eles são espectáculo que se observa das plataformas.”<sup>74</sup>

Reconhece-se outro aspecto importante como a relação que este trabalho, organizado em *cluster*, tem com a cidade em sectores da Nova Babilónia. A preponderância dada à vista que o pedestre poderia obter do conjunto afirma esta relação pela programação da plataforma segundo a aleatoriedade e imprevisibilidade das rotas dos mesmos; o que resultava num traçado flexível e aleatório – “Ao contrário do que se pode pensar dos seus desenhos urbanos, os Smithson tinham pedestres na sua mente, e não aviadores.”<sup>75</sup>

Em 1959 trabalham na relação do automóvel com a cidade – London Roads Study – um projecto proposto para um concurso intitulado “New Roads for London”. Trata-se de uma tentativa de integrar uma nova estrutura de transporte viário no tecido existente da cidade; e de descobrir como as novas estruturas poderão revitalizar a cidade e até dar-lhe uma nova identidade.

A estipulação de vias proposta pelos Smithson procurava fazê-las funcionar como aparelhos identificadores muito semelhantes aos sistemas de transporte históricos

---

<sup>74</sup> Citação extraído do artigo de Dirk van den Heuvel, “Hauptstadt Berlin Competition, 1957-58”; in *Team 10: In search of an Utopia of the Present*, p76

<sup>75</sup> Jean-Louis Violeau, “The Bitter Victory of the Situationist International”, in *Anxious Modernisms*, pp 249-250

anteriores. Viam as novas auto-estradas como as estruturas urbanas mais permanentes, e consequentemente, como os elementos que influenciam as identidades sociais e urbanas no seu sentido mais profundo.

Inspirados nas auto-estradas americanas<sup>76</sup>, propuseram-se a investigar como uma nova estrutura de transporte podia ajudar à reconstrução de Londres. Deram uma prioridade rigorosa às novas estruturas das vias principais, viadutos e vias secundárias. As suas intervenções obrigavam ao corte faixas largas através da malha da cidade, demolindo um grande número de casas. Legitimaram estas opções afirmando que a nova estrutura iria introduzir uma coerência claramente reconhecível na cidade. Também declararam que esta seria a única maneira de alcançar uma redistribuição satisfatória dos engarrafamentos e pressões económicas.

No decorrer deste estudo desenvolvem outro trabalho complementar – “Greenways and Landcastles” (1962-1963). Neste, tentaram desenvolver uma estrutura paralela que oferecesse calma e tranquilidade ao plano New Roads for London, ou seja, desenvolver a uma rede poli cêntrica que reduzisse as pressões no centro. Para tal desenvolverem uma análise detalhada da região londrina – tensão, ruído, odores – e uma análise sobre as áreas verdes da cidade tais como parques e cemitérios, e possíveis ligações entre estas áreas – os corredores verdes.

No mesmo ano (1962) desenvolvem a sua participação no concurso para o planeamento da Mehringplatz, em Berlim. É a primeira introdução do automóvel num contexto de habitação colectiva. Corresponde a dois blocos de habitação dispostos perpendicularmente a uma via rápida que ladeiam um braço de verde que constitui o coração verde do conjunto. Os níveis de habitação dos blocos vão-se sobrepondo obliquamente, na procura de uma exposição solar generosa, sobre o verde que ladeia os mesmos. Mas o que é importante neste projecto, é a relação estabelecida entre a via de distribuição urbana e o caminho de acesso às garagens – esta previa uma gradação de velocidades desde a dita via rápida até à garagem situada no piso térreo, sob as habitações. O projecto Mehringplatz é um projecto semelhante ao Robin Hood Gardens, no entanto, dado que não foi construído, e que é a primeira tentativa de transpor a escala de Associação Humana para uma obra a edificar, não se conseguiram alcançar os objectivos da mesma escala de maneira tão interessante.

---

<sup>76</sup> Esta inspiração é decorrente da viagem que Peter Smithson faz aos EUA no ano de 1958. Apenas um ano antes.

## III.2

### ROBIN HOOD GARDENS HOUSING PROJECT

Em 1963, o London County Council contacta os Smithson para os encarregar da execução de um projecto de habitação colectiva a ocupar um terreno em Tower Hamlets, na área da Robin Hood Lane. Três pequenos terrenos tinham ficado disponíveis para construção numa área conhecida como Mainstry Street. Alison e Peter Smithson desenvolvem desenhos de dois edifícios separados, acedidos por plataformas de acesso às habitações. Projectaram as plataformas como primeiros elementos de um conjunto em cluster – “esperávamos que fossem ligadas com as de futuros edifícios a ser construídos assim que outros espaços ficassem disponíveis de modo a formar um grande grupo de edifícios conectados.”<sup>77</sup>

Anos mais tarde, o Greater London Council desocupa outra parte do terreno através da demolição de edifícios – Grovesnor Building – anexando os terrenos numa área a construir única, e de maior dimensão. Abandona-se então a documentação original e entregam-se os novos planos e requisitos (de acordo com os padrões Parker Morris<sup>78</sup>) aos Smithson para apreciação. Durante este intervalo entre os dois momentos do projecto foi-se tornando evidente, a futura rede de estradas em volta do terreno, a qual, com o seu alargamento, conduziu a uma variação na relação entre os blocos e as suas plataformas de acesso – no extremo Este encontra-se a London Motorway Box, que atravessa o Tamisa através dos Blackwall Tunnels; no extremo Oeste está a Cotton Street que é a principal via de acesso à Isle of Dogs; no extremo Norte está a East Índia Dock Road, que na altura se tinha alargado a seis faixas.

Assim, Alison e Peter Smithson organizam o terreno, exposto em três extremos ao tráfego automóvel, de maneira a criar uma zona central “livre de stress” interior protegida dos ruídos e pressões das ruas circundantes pelos edifícios de habitação do

---

<sup>77</sup> Alison e Peter Smithson, “Robin Hood Lane: A housing scheme for the Greater London Council”, in *Ordinariness and Light*, p. 188.

<sup>78</sup> O Comité de Parker Morris redigiu um relatório influente acerca de padrões de habitação na habitação pública para o Reino Unido em 1961, denominado *Homes for Today and Tomorrow*. O relatório concluía que a qualidade da habitação social precisava de ser melhorada para se adequar aos crescentes padrões de vida. Deste relatório surgiram os Parker Morris Standards, expostos no “Design Bulletin 6 – Space in the Home” do Ministério da Habitação. Estes padrões definiam as dimensões típicas para os itens típicos de mobiliário para o qual o autor da habitação deveria deixar espaço. Também expunha dados antropométricos acerca do espaço necessário para dar uso ao mesmo mobiliário.



conjunto projectar. Esta área interior era “ocupada” por um pátio de dimensões generosas preenchido por um jardim – “é um coração verde e calmo que todas as habitações partilham e contemplam.”<sup>79</sup> Aqui o habitante podia proteger-se do contacto directo com os ruídos e fumos dos automóveis. Os Smithson viam este pátio como elemento pertencente a uma longa tradição do parque público de Londres. Referiram-se às famosas praças Regency, no centro urbano medieval, tal como Gray’s Inn. Outra referência preferida era o Royal Crescent de Bath, do séc. XVIII, desenhado por John Wood Jr. As fachadas dos Robin Hood Gardens, tal como as do Royal Crescent, têm um carácter repetitivo que preserva a unidade no pátio público.

No extremo Sul, encontra-se a Poplar High Street. Na altura da construção estava relativamente livre de trânsito e com construções de baixa altura, o que permitia que a implantação se mantivesse aberta para este lado, de modo a captar o sol generoso do Sul e as amplas vistas sobre as West India Docks.

Alison e Peter Smithson chamam de “muralhas” ao tipo de organização que projectam para este contexto. Programada para atingir um carácter de resguardo, colocava as plataformas de acesso salas de estar no exterior, mais próximas do ruído dos automóveis. Opostos a estas estavam a cozinha e os quartos que, orientados para o interior do conjunto edificado, se afastavam do ruído automóvel enquanto admiravam a vida no núcleo verde do quarteirão – “Colocar as plataformas de acesso e as salas de estar no extremo ruidoso pareceu-nos correcto, uma vez que a plataforma está forçada a ser barulhenta, e a sala de estar, sendo a principal área comum activa da habitação, irá criar o seu próprio nível de ruído ambiente que “afoga” o ruído exterior.”<sup>80</sup> Além de funcionar como tampão acústico a colocação das salas no extremo exterior do bloco oferecia-lhes a generosa vista panorâmica sobre as docas, o rio e a East London Church.

Por insistência do GLC, o nível de som nas salas de estar com janelas parcialmente abertas deveria ser inferior ao recomendado no Wilson Report,<sup>81</sup> que estabelecia, na altura, os níveis de ruído permissíveis para salas de estar e quartos de habitação em áreas urbanas movimentadas segundo os seguintes valores de 50 dBA para o dia, e 35 dBA para a noite. Um estudo ao ruído das estradas do local, levado a cabo pelo GLC

---

Em 1967 estes padrões espaciais tornaram-se obrigatórios para todas as habitações construídas nas New Towns, e abarcou toda a Council Housing em 1969, embora já tivessem sido adoptados por muitos Local Councils na altura.

<sup>79</sup> Alison e Peter Smithson, “Robin Hood Lane: A housing scheme for the Greater London Council”, in *Ordinariness and Light*, p. 189.

<sup>80</sup> Alison e Peter Smithson, “Robin Hood Lane: A housing scheme for the Greater London Council”, in *Ordinariness and Light*, p. 189.

<sup>81</sup> Wilson Report on Noise, HC Deb 29 Julho 1963 vol 682 c13

calculou que, dos valores obtidos, os piores 10% do nível de ruído em qualquer extremos do terreno, obrigavam a uma redução de 5dBA para alcançar o valor estabelecido pelo Wilson Committe (sendo que o cálculo foi feito tendo em conta como protecção, apenas a distância entre os edifícios e a estrada, e as janelas parcialmente abertas). Para atingir este valor foram desenvolvidos, a partir da colaboração dos Smithson com o responsáveis científico do GLC, os seguintes sistemas de controlo acústico: um forro acústico absorvente na soleira da janela; um peitoril projectante para deflectir o som directo na entrada das janelas horizontais pivotantes, na sua posição aberta; um sistema de mainéis projectantes que protegiam os extremos laterais das mesmas janelas e que impediu a passagem do som de habitação para habitação, pela fachada; uma parede acústica de três metros enviesada no topo para reflectir o som e que rodeava o terreno – imediatamente atrás do pavimento no lado Oeste (Cotton Street) e o mais próximo possível do eixo do acesso ao Blackwall Tunnel, no extremo Este.

O local fora programado pelos urbanistas do GLC para uso residencial a uma densidade de 336 pessoas por hectare. Havia falta de áreas livres na zona, e o grande espaço aberto que os Smithson projectam era contemplado pela mesma entidade urbana – 2500m<sup>2</sup> por cada mil habitantes da área residencial.

O mercado e a área comercial de Lansbury (construídos como parte da exposição do “Festival of Britain”) encontravam-se a cerca de 180 metros na direcção oeste ao longo da East Índia Dock Road; e existia um conjunto de onze lojas na Poplar High Street, a cerca de alguns metros extremo Sul do terreno. Alison e Peter Smithson consciencializaram-se destes locais como pontos de atracção dos fluxos de pessoas, a par com as paragens de autocarros locais.

Para a primeira fase do projecto, a área bruta calculada para habitação foi a de 2 hectares, que a uma densidade de 354.5 pessoas por hectare dá um total de habitantes de 698 pessoas. Alison e Peter Smithson alojaram-nos segundo as categorias de habitação correspondentes a pessoas idosas (às quais foram atribuídas as habitações no piso térreo, assim como a sua sala de actividades comunitária - *clubroom*), e agregados familiares de duas a seis pessoas. Programaram 38 habitações de idosos; 26 habitações para famílias de 2 pessoas; 26 habitações para famílias de 3; 60 habitações para famílias de 4; 54 habitações para famílias de 5; e 10 habitações para famílias de 6 pessoas.

Foram programadas garagens para atribuir a 70% das habitações, sendo que os restantes 30% seriam adicionados consoante a necessidade – estas novas garagens ocupariam o campo de jogos e recreio a Sul do conjunto. Estavam também

contemplados estacionamentos para visitantes. Todas as áreas de estacionamento, arrumos, serviços e outras funções semelhantes ocupam o “fosso”<sup>82</sup> abaixo do nível do jardim. O facto de estar aberto ao ar livre garantia-lhes iluminação e ventilação – os próprios Smithson fazem alusão à semelhança com o projecto Mehringplatz, de 1962. E aproveitam esta mesma alusão para estabelecer uma relação entre o Robin Hood Gardens e outros projectos de habitação colectiva anteriores:

*Primeiro*, num pormenor importante, as cozinhas das habitações maiores estão ao nível da plataforma para armazenar alimentos, e por aí fora, acima das escadas; para tornar possível a supervisão de crianças que brincam à frente da porta de entrada; e de alguma maneira, para “normalizar” a habitação.

*Segundo*, demos a máxima prioridade a criar espaço aberto calmo e “inviolável” tão largo quanto possível e que todos partilham.<sup>83</sup> Pois desde os nossos primeiros estudos sobre plataformas de 1952, tornámo-nos conscientes, pela nossa experiência corporal, conscientes do stress a que o ruído urbano e o tráfego induzem, e apercebemo-nos que, actualmente, a nossa maior necessidade é a de espaços silenciosos. Para conseguir uma área calma neste terreno específico, retirámos importância à ideia de “conexão” que foi o tema principal dos primeiros estudos do “Golden Lane”. De alguma maneira, substituímos uma imagem da cidade na qual a conectividade era afirmada, por outra onde a sobrevivência da “pessoa” e da “coisa” na rede de comunicações em constante mutação era tida como preeminente.

*Terceiro*, e apoiando a anterior, todo o movimento de veículos no terreno, toma lugar num “fosso”, logo, é retirado do ambiente o seu ruído e a sua presença.

*Quarto*, só algumas das maiores habitações têm “jardins-pátio” associados a estas; nas alturas. Nas restantes, os quartos podem ser abertos para a zona central livre de stress.<sup>84</sup>

*Quinto*, o desenho da pele do edifício é desenvolvido como parte de uma série de aparelhos protectores contra o ruído – entre habitações, e contra fontes externas.

---

<sup>82</sup> Nome atribuído pelos Smithson ao acesso situado entre os blocos de habitação e as estradas circundantes.

<sup>83</sup> “É da dimensão do existente em Gray’s Inn, que é, tanto quanto possível, o modelo de toda esta operação.”

Alison e Peter Smithson, “Robin Hood Lane: A housing scheme for the Greater London Council”, in *Ordinariness and Light*, p. 194.

<sup>84</sup> A estes quartos correspondia uma estreita varanda colocada diante dos quartos, mas que se prolongava no vazio verde destes.

### III.2

#### DO GOLDEN LANE AO ROBIN HOOD GARDENS:

##### Análise

*Golden Lane City, uma elaboração do Golden Lane Housing Scheme do mesmo ano, pode agora ser visto como uma das propostas mais evidentes do urbanismo de meados do séc. XX. Esta contribuição significativa dos Smithson serve como referente a qualquer discussão sobre o projecto Robin Hood Gardens, uma vez que os dois tentam resolver um dos problemas da cidade moderna: a relação da habitação com a rua resultante da introdução do automóvel; e de um modo geral, as relações simbólica e real entre o domínio público e privado.*<sup>85</sup>

É com esta frase que Peter Eisenman inicia a relação entre os dois projectos no artigo “From Golden Lane to Robin Hood Gardens”. Apesar da clara relação que a citação expressa, Eisenman não demora a limitá-la – o edifício de habitação Robin Hood Gardens contém uma modificação do conceito de rua do projecto Golden Lane, ou seja, já não existe a mesma relação ideológica entre rua e casa como existia no Golden Lane. Esta relação começa com a inspiração que os Smithson retiram de modelos de rua existentes. Em 1952, a democratização e universalidade do automóvel era ainda uma ideia futurista, portanto, os Smithson não tiveram dificuldade em assumir o padrão de rua medieval londrino como modelo do esquema organizativo. O mesmo carácter futurista do uso democratizado do automóvel era um dos motivadores da inspiração mecanicista da cidade modernista e, integrados numa era de rejeição deste modelo, fundamentada na consciência da necessidade de “humanizar” a cidade, a proposição de criar uma cidade composta por plataformas elevadas para pedestres cobrindo toda a extensão da cidade era fundamentada na observação do presente imediato da sociedade urbana – na criação de uma arquitectura sem a previsão de uma realidade posterior. Dum ponto de vista ideológico, essa mesma observação do mesmo presente motiva a que, cerca de quinze anos depois, não exista nenhuma conexão horizontal entre os dois

---

<sup>85</sup> Peter Eisenman, “From Golden Lane to Robin Hood Gardens... or if you follow the Yellow Brick Road it may not lead to Golders Green”, in *Oppositions Reader*, p28

blocos do Robin Hood Gardens. Em vez disso, a criação do jardim interno como espaço de reserva em relação ao automóvel e a provisão de garagens para os habitantes mostra uma nova realidade. A de uma sociedade de consumo na qual se espera dos trabalhadores, que partilhem as posses e mobilidade da classe média, e que o Estado do Bem-Estar previa que viesse a ocupar as habitações. Logo, dentro do contexto da separação entre pedestre e automóvel e da concepção do automóvel como ameaça, o Golden Lane é considerado uma ideia progressista. No entanto, quando esta concepção já não pode ser mais sustentada, então em comparação com o Robin Hood Gardens, o Golden Lane torna-se numa ideia recessiva na sua atitude em relação ao automóvel.

A diferença entre o Golden Lane e o Robin Hood Gardens tem que ser vista no contexto da reavaliação do papel do automóvel e da estrada originada pela visita de Peter Smithson aos EUA, em 1958. Passam agora a entender a estrada como elemento de conectividade primário da cidade. E muito embora já tivessem esta realidade em consciência no Golden Lane, pela dita revisão do papel do automóvel na cidade, é agora a estrada e não o edifício, ou a rua, que dá escala à cidade. Agora, a via rápida interna da cidade torna-se um aspecto positivo no seu pensamento, não só na sua escrita, mas também nos seus projectos – e é aqui que o projecto London Roads Study se torna centra – a estrada é o elo de ligação entre os centros urbanos que caracteriza as relações que estabelecem uns com os outros, logo tem um papel importante na sua identidade. E muito embora se previsse os blocos de habitação do Robin Hood Gardens como elementos de uma rede mais ampla, o “edifício como rua” e a conectividade das plataformas para pedestres desaparecem; a conexão pedestre primária é agora vista como sendo vertical ao automóvel; a conexão horizontal é apenas prevista para automóvel. Logo, esta mudança de relação pressupõe uma mudança na forma tipológica do edifício – o edifício são agora visto como fragmentos padrão de um esquema maior. Existe uma mudança conceptual do processo de edificação, desde um em que cada bloco corresponde a uma fase para um em que cada um aparece como entidade estática. Vê-se uma certa reaproximação ao conceito da Unité d’Habitation, embora seguindo um paradigma diferente – já não se prevê a cidade do futuro como sendo construída num só momento, mas antes como um processo, que acumula desenvolvimento em locais espalhados e casuais ao longo do tempo. As formas conectantes do Golden Lane aceitam a realidade deste processo. Sugerem tanto conexões verticais como horizontais ao contexto existente. No entanto, no Robin Hood Gardens, a proposição é virtualmente inversa. A forma construída nega a ideia de um processo empírico acumulativo e aceita

o contexto presente. Esta mudança resulta da necessidade que os Smithson tiveram de encarar as obrigações do acto de construir, e do confronto que cria com o paradigma por eles inventado. Assim, os dois edifícios do Robin Hood Gardens estão terminados, em termos formais. Apresentam-se como completos em si mesmos e não aceitam extensões ou adições; a ideia de um processo contínuo de desenvolvimento desaparece – eles estão, ao mesmo tempo, num processo presente e futuro. Definem e confirmam o contexto tal com está. Deflectem e acomodam o padrão de ruas existente.

No Golden Lane, o bloco de habitação e a rua para pedestres são o centro conceptual. Uma vez que a forma da habitação não foi desviada em relação ao seu contexto imediato, o espaço que sobra dos blocos é fragmentado e periférico. No Robin Hood Gardens, os blocos de habitação e as suas plataformas para pedestres são empurrados até aos limites do terreno. Nesta posição, ao invés de fragmentar o espaço, ajudam a defini-lo – o espaço é agora inteiro e central – ao mesmo tempo que cumprem o papel de definição e separação do domínio público do semi-público e do semi-privado, pela colocação das plataformas na parte exterior do terreno. Assim, o complexo edificado engendra uma relação de interior/exterior e de frente/traseira em relação ao contexto existente. Ou seja, a colocação das plataformas encarando o contexto urbano envolvente sem um atravessamento total do bloco de habitação; e no extremo oposto do mesmo bloco, a disposição dos quartos enfrentando o jardim interno, clarificam essa distinção entre contexto urbano público, e entre contexto semi-público; pois muito embora o jardim seja um elemento pertencente a toda a cidade, a sua separação feita pelas barreiras sonoras pressupõe uma distinção de espaços. E este tipo de reconhecimento não é feito à envolvente imediata no caso do Golden Lane, onde a plataforma pedestre é o percurso urbano público da cidade; e o facto de cortar o bloco de habitação de lado a lado, implica uma relação de proximidade com todo o espaço verde existente; logo, as áreas verdes são públicas – esta distinção entre público, semi-público e semi-privado não existe.

Se tomarmos o Robin Hood Gardens como elementos construído concebe e define espaço de uma maneira que o Golden Lane não faz. O Golden Lane contém um conceito heróico de cidade; logo, enquanto garante um novo conceito de ordem espacial deixa por resolver a questão da escala e definição do espaço aberto. Ou seja, se uma cidade é organizada segundo a definição de espaço aberto pelos edifícios, então o Robin Hood Gardens pode estar a tentar resolver um problema que o Golden Lane põe de parte, justamente porque sugere uma nova forma e escala urbana. Assim, a perda de dimensão

heróica no Robin Hood Gardens fá-lo dar esse sentido de hierarquia e definição espacial necessários à cidade; desta forma, a necessidade imagética da ideia, numa construção diminui – primeiro, porque a ideia do “edifício como rua” muda daquilo que Peter Smithson queria dizer quando afirmou que a ideia de rua é mais importante que a realidade da rua, para a ideia de realidade da estrada, em que a rua no ar se integra de uma maneira diferente no elemento construído. E segundo, pelo já referido confronto com uma realidade a construir – as ideias contempladas no urbanismo do Golden Lane alteram-se de acordo com o permitido pelo contexto e pelo cliente.

É precisamente porque as ideias dos Smithson foram habitualmente concebidas e são mais evocativas a uma escala urbana que a ideia de conectividade é a imagem do Golden Lane, enquanto que na escala do Robin Hood Gardens não é. Tendo em conta a materialização das ideias, o que é que sobra então no edifício dos Robin Hood Gardens?

As plataformas para pedestres e a sua conexão vertical com o automóvel permanecem como elementos tipológicos básicos no Robin Hood Gardens. A justaposição dos edifícios no terreno sugere uma separação literal entre o domínio público e o privado, tanto que os mesmo elementos servem para criar uma articulação semelhante entre a plataforma pública e a célula privada a uma escala mais pequena. A articulação destes elementos no Robin Hood Gardens conjuga-se, não só, na relação diferente que se obtém entre a forma tipológica e o automóvel, mas também na concepção dos próprios elementos.

Segundo Peter Eisenman, a plataforma para pedestres, que era problemática para os Smithson antes da mudança de tipologia, é agora ainda mais complicada por outra razão: qual é o pormenor da horizontalidade? Ou seja, qual é considerado o primeiro símbolo de associação pública? É o nível da plataforma para pedestres, ou o nível do automóvel? O problema toma forma pela criação de uma série de níveis de plataformas para pedestres que sem a ligação horizontal do Golden Lane, correm o risco de, no Robin Hood Gardens, parecerem um anacronismo; o vestígio de uma memória que presta homenagem a uma intenção perdida, e que aqui, é apenas considerada em termos funcionais, como corredores de acesso a céu aberto.

Atendendo a esta ideia, se a plataforma para pedestres pretende ser icónicamente a mesma que a do Golden Lane, então é regressiva. O edifício Robin Hood Gardens permanece num limbo entre a noção de rua assente no plano terreno e a noção de rua como plataformas sobrepostas. Esta contradição compromete a tipologia do edifício uma vez que oferece uma proposição alternativa – as plataformas para pedestres são

concebidas como ruas públicas ao invés de ruas privadas, funcionando de uma maneira que os corredores interiores não conseguiam e, como um possível componente numa nova escala de hierarquias desde o público ao privado. Ou seja, a alternativa não consegue manter as características de rua propostas no Golden Lane, e muito menos as características da rua convencional. E muito embora ofereça um espaço de acesso público, a distância física que tem entre a rua adjacente à estrada e esta, se tivermos em conta a distância e as barreiras a percorrer, desliga-a da cidade pública, no verdadeiro sentido da palavra. Torna-se apenas num elemento de acesso do próprio edifício. No entanto não se deve desconsiderar a capacidade que tem em oferecer um espaço de estar e de encontro entre os habitantes e, até mesmo aos visitantes – quem quer que vá visitar um morador cruzar-se-á com vizinhos que conversam ou crianças que brincam diante de suas casas. Apesar de já não ser a continuidade da rua pública, é um espaço de encontro e de acesso. Apesar do programa do edifício desconsiderar elementos essenciais à definição de rua pública como lojas, passeios, passadeiras, jardins etc. este compromisso em que caem os Smithson oferece uma nova tipologia de rua, e que funciona dentro dos seus parâmetros.

Outro aspecto que parece suportar esta hierarquia do espaço público para o privado, pode ser na relação entre a unidade de escadas das habitações e a plataforma para pedestres. A escada interior que serve os apartamentos em duplex está colocada, tal como no Golden Lane, paralelamente à plataforma, e no entanto, diante do plano de entrada. Esta age de duas maneiras; primeiro, a sua colocação paralela cria uma barreira espacial e de som entre as zonas pública e privada; segundo, cria uma área livre diante da entrada, que actua como uma transição do domínio público para o privado.

Outro elemento tipológico - as torres verticais – altera a transição de ideias entre os dois projectos - estão dispostas de maneira diferente no Golden Lane e no Robin Hood Gardens. No primeiro, as torres de circulação vertical estão claramente articuladas, e a sua localização ao longo das plataformas corresponde à articulação da própria plataforma. Neste sentido, as torres funcionam como um aparelho organizador. Isto não é um problema no Robin Hood Gardens onde não se pretende que as plataformas sejam conceptualmente contínuas – a Norte, a torre vertical é articulada como um limite. A Sul, ainda que articulada, é ocupada com uma habitação que funciona como limite, que envolve o edifício indicando um limite sem ligação futura. O acesso à plataforma para pedestres do Robin Hood Gardens é perverso; a própria plataforma estreita-se em direcção ao lobby de acesso. Este estreitamento, com a articulação particular da torre de



elevadores, sugere mais uma escada de incêndio que uma entrada principal. No entanto, se o estreitamento da plataforma pretende articular, novamente, a ideia de uma transição entre o público e o privado, ao invés de ser uma transição entre o vertical e o horizontal, então a forma expressa eficazmente essa ideia – trata-se de uma barreira mental à continuidade da rua. Desde o passeio até à porta de entrada, o pedestre atravessa as barreiras sonoras, o jardim interno, as escadas de acesso, a “rua no ar” – esta progressão de barreiras vai quebrando gradualmente a continuidade do domínio público até ao provado.

Enquanto o edifício é mais bem sucedido na sua condição de ícone público, na expressão destas transições, o domínio privado parece menos bem sucedido. Para Eisenman, enquanto o primeiro está carregado de elementos, as unidades privadas parecem desprovidas de outros elementos além da mecânica da vida no presente – e mesmo até pouco mais que adequado, e talvez abaixo do padrão. Até mesmo, quando comparada com os jardins-pátio privados do Golden Lane, a unidade privada do Robin Hood Gardens parece menos ideal. Novamente se vê a imposição das limitações impostas pelo GLC. De qualquer das formas, é necessário perceber que não parece ter havido, por parte dos Smithson, qualquer preocupação que não a oferta de uma variedade de células habitacionais aplicadas a vários tipos de aglomerados familiares; e uma relação com a envolvente de acordo com vistas ruído.

Além disto, é a tentativa de expressar a unidade privada na fachada do edifício que cria um problema quase insolúvel entre a expressão do domínio público e a expressão das unidades individuais. Este problema é acentuado na resolução particular das fachadas que os Smithson tentam no Robin Hood Gardens. A iconografia da superfície de um edifício tem sido uma preocupação constante para os Smithson. Manifesta-se na sua procura constante por uma estética generalizadora, uma, através da banalidade, como norma – arquitectura sem retórica; é evidente, na sua preocupação em resolver a acomodação repetitiva da grande dimensão, aquilo a que Eisenman chama de “anonimato da estilização”. As fachadas do Robin Hood Gardens tentam submeter um padrão geral a um certo grau de mudança e variação individuais. Ou seja, o projecto depende, para a sua iconografia, de um elevado grau de resolução de exigências – tanto de uma estética generalizadora na fachada, como de um alto grau de flexibilidade interna. Os Smithson tentam resolver estas questões através do uso de uma “pele”. Uma “pele”, ao contrário de uma fachada, deveria ser concebida, mais propriamente, como uma membrana esticada, sem profundidade aparente, sobre a armação interna. A ideia

de uma pele resulta da aproximação dos Smithson aos princípios da arquitectura de Mies van der Rohe. Logo, neste caso concreto, afasta o projecto da estrutura do Golden Lane e de Le Corbusier - desvincula-se da imagem da garrafeira como armação, com unidades individuais capazes de pôr e tirar como garrafas. A essência do uso da pele de Mies é, precisamente, o facto de que não tenta criar uma iconografia que expressa a unidade individual. No entanto, ao contrário de Mies, onde a pele é normalmente uma tela complexa que permanece neutra, o Robin Hood Gardens representa uma procura por uma pele que é, ao mesmo tempo, vista como generalizadora, e como icónica, e funcionalmente expressiva da disposição dos elementos internos.

Ou seja, a pele criada que é criada no projecto é dominada por mainéis<sup>86</sup> verticais. Estes mainéis que actuam como barreiras sonoras de unidade a unidade ao longo da face vertical do edifício, supõem, ao mesmo a expressividade icónica das variações maiores e menores das células habitacionais. Logo, este factor não suprime a identificação de elementos e, como Eisenman afirma, o peso de nenhum argumento funcional pode validar a perda correspondente da sua intenção icónica como pele. O problema parece ser o seguinte. Primeiro, os mainéis têm uma profundidade substancial. Estes violam a noção recebida pela essência da pele, que tem uma continuidade vertical e horizontal, mas pouca profundidade. Quando estes mainéis perdem a sua verticalidade também violam qualquer cânone de percepção relacionado com um sistema porticado onde os mainéis verticais, a menos que contínuos e aparentemente apoiantes, parecem ser aplicados, ao invés de esticados sobre a estrutura. Assim, nas fachadas sul dos dois edifícios, os mainéis, sendo ininterruptos no seu comprimento desde a cobertura ao chão, são bem sucedidos como estética generalizadora. Nos dois alçados internos virados para o jardim, os mainéis verticais podem ser lidos como parte de uma série de camadas verticais pouco profundas expressas nestas fachadas desde a face exterior do mainel até à face da sala de estar que é posta detrás de uma estreita varanda. Embora os mainéis estejam interrompidos por estas varandas, pelo carácter achatado destas varandas e pela sua falta de sombra profunda, e correspondente sugestão de volume, os mainéis e as varandas são lidos em conjunto; e assim os mainéis perdem a sua aparente profundidade. Aqui existe uma relação bizarra entre estes elementos onde se pensaria à partida que quebrassem a continuidade da pele, mas que pela destreza da sua resolução apoiada na sua repetição, anula uns com os outros. É nas duas fachadas exteriores, onde

---

<sup>86</sup> O termo refere-se aos perfis verticais adossados à fachada.

os Smithson articulam as unidades privadas distintamente das plataformas públicas para pedestres, que os mainéis são menos eficientes como superfície generalizadora. Aqui são cortados pela leitura volumétrica horizontal que advém das plataformas, e tornam-se retóricos.

Fundamentalmente, o problema não existe no carácter mais ou menos retórico dos mainéis – se são, ou não, uma pele - mas antes se as fachadas sustém, ou não, o simbolismo pretendido. Aqui surge um problema genérico – a clássica confrontação entre uma estética classicizante e uma estética expressionista, e finalmente, a vacilação dos Smithson entre Mies e Le Corbusier. A necessidade de exprimir os elementos tipológicos – as torres verticais e as plataformas horizontais – contradiz a ideia de pele.

Os Smithson querem expressar, não só a ocupação individual, mas também a facilidade dessa ocupação através do agente neutralizante – a pele. E isso prende-os entre as suas tendências classicizantes e o expressionismo de Le Corbusier quando extrudem as torres e as plataformas através da membrana criada pela pele para articular os elementos públicos.

Eisenman conclui com uma ideia que poderá clarificar a transição de pressupostos entre os dois edifícios – “Talvez o que se sente na realização do Robin Hood Gardens, enquanto construção, não é tanto um falhanço formal mas talvez, o falhanço das suas formas em sustentar a ideia.”<sup>87</sup>

---

<sup>87</sup> Peter Eisenman, “From Golden Lane to Robin Hood Gardens... or if you follow the Yellow Brick Road it may not lead to Golders Green”, in *Oppositions Reader*, p42

## CONCLUSÃO

### ROBIN HOOD GARDENS HOUSING PROJECT: OBRA PARADIGMÁTICA?

A resposta à pergunta que ocupa o título não é fácil de obter. Desde alguns anos depois da sua conclusão até à actualidade, os testemunhos e opiniões ainda são variados, e as opiniões são tão díspares, que não é possível atingir uma conclusão imediata ao debate que se gera em torno do edifício – tanto, que se encontra actualmente a sofrer as consequências deste facto. O debate sobre a demolição do edifício gira entre a decisão de demolição do edifício por parte das autoridades financeiras e camarárias; entre o apoio dos artistas e arquitectos que o querem manter; entre a reserva do “English Heritage” em listá-lo como edifício histórico (visto como salvação do edifício)<sup>88</sup>; e entre a divergência de opiniões dos próprios moradores.<sup>89</sup>

Concentrando no debate entre arquitectos, em opiniões expressas antes e depois do comunicado de demolição do edifício, é possível encontrar alguns pontos de vista significativos. Em defesa saltam nomes como o de Richard Rogers, que defende que o edifício é “um dos mais importantes edifícios modernos da Grã-Bretanha”<sup>90</sup>. Um reconhecimento deste facto é expresso por Dirk van den Heuvel, que o considera “um projecto heróico”<sup>91</sup>. E há uma afirmação que pode responder à pergunta do título: “É agora considerado um paradigma da estética brutalista inglesa.”<sup>92</sup> É compreensível admitir a opinião de Helena Webster.

---

<sup>88</sup> Ver: <http://www.bdonline.co.uk/multimedia/robin-hood-gardens-the-videos-for-and-against/3138764.article>

<sup>89</sup> Em visita ao edifício, foi possível contactar com alguns moradores, embora poucos, a precariedade cívica dos próprios moradores fazia com que muitos se recusassem a responder a alguns das perguntas feitas. No entanto, foi possível perceber que entre o desejo de manter o edifício ou a sua recolocação, as opiniões dividiam-se de igual modo para as duas realidades.

Um inquérito feito aos residentes, levado a cabo pelos próprios residentes – Darren Pauling – revela que 80% dos residentes deseja a manutenção do edifício e continuar a viver neste: <http://www.bdonline.co.uk/news/new-robin-hood-gardens-residents-survey-challenges-demolition/3143573.article>

<sup>90</sup> Esta citação pretence a uma carta que Richard Rogers dirigiu ao chefe executivo das autoridades locais onde o edifício dos Robin Hood Gardens se encontra, após a sua visita à obra. Citações desta carta foram publicadas a 28 de Março de 2008 no site BDonline (<http://www.bdonline.co.uk/news/rogers-walkabout-at-robin-hood-gardens/3109828.article>)

<sup>91</sup> Esta afirmação foi retirada do artigo “Recolonizing the Modern: Robin Hood Gardens” in *Architecture is not made with the brain* p 33

<sup>92</sup> Helena Webster, “Modernism Without Rhetoric: The Work of Alison and Peter Smithson”, in *Modernism Without Rhetoric*, p8

Tendo em conta estas opiniões, como é possível que o edifício esteja na situação actual? Como é possível que uma das mais importantes obras inglesas corra risco de ser derrubada? Será mesmo um edifício paradigmático? Que características, ou falta delas, motivam o apoio que tem, e desmotivam a sua listagem como património edificado da cidade?

Numa carta dirigida à ministra da arquitectura (architecture minister) em Janeiro de 2009, Sunand Prasad, o presidente da RIBA (Royal Institute of British Architects) afirma que o edifício “inspirou uma geração de arquitectos,” e que “apesar das deficiências, o espírito inerente ao Robin Hood Gardens inspirou uma geração de arquitectos a pensar, em maneiras mais cuidadosas e complexas, sobre o desenho de casas e comunidades.”<sup>93</sup>

Dirk van den Heuvel exprime a sua opinião num registo semelhante. Começa por descrever, no seu artigo “Recolonizing the Modern: Robin Hood Gardens”, a sua chegada ao edifício Robin Hood Gardens na manhã de 26 de Maio de 2001 – quando alcança a galeria mais elevada depara-se com “duas impressões simultâneas”. Cujo efeito combinado fá-lo “sentir como se tivesse viajado numa máquina do tempo – desorientado, sem saber onde tinha ido parar.” A explicação desta sensação é dada pelo próprio – “A primeira razão da incerteza era clara como o dia. A vista fenomenal da galeria angulosa, que lembrava de uma visita anterior por volta de 1990, tinha mudado radicalmente: plantada entre os vestígios desanimados das velhas docas e dos terrenos industriais desaproveitados estava o gigantesco ícone *high-tech* da “Nova Grã-Bretanha”, o Millenium Dome. A segunda fonte da minha alienação era mais indirecta, e o seu impacto ainda maior. Era o cheiro a especiarias que pairava ao longo das galerias de betão na minha direcção. Os Robin Hood Gardens tinham-se tornado numa espécie de “Pequena Índia”: os sinais bilingues no *waste chute* (evacuação de resíduos) e, mais diante na galeria, os saris secando na brisa deixavam pouco espaço para dúvidas.” Reconhece ainda que esta mudança de carácter vem a braços com uma mudança de contexto onde os Robin Hood Gardens tinham-se tornado “num lugar onde o velho e o familiar estão em constante recombinação com o novo e o desconhecido”. “Agora, os vizinhos dos Robin Hood Gardens incluíam, não só o Millenium Dome, mas também o próspero desenvolvimento da Canary Wharf” e “no meio deste aglomerado,

---

<sup>93</sup> BDOonline, “Prasad makes final bid to save Robin Hood Gardens”, 5 de Fevereiro de 2009; <http://www.bdonline.co.uk/news/prasad-makes-final-bid-to-save-robin-hood-gardens/3133219.article>

os residentes de minorias étnicas, com os seus próprios hábitos e costumes pareciam estar a viver numa máquina do tempo errática.”

Assim, para Dirk van den Heuvel, esta mudança de contexto e de carácter levaram a que os Robin Hood Gardens ficassem para a história como um falhanço total: “Estava terrivelmente vandalizado pelos seus moradores, e pronunciava o fim do estatuto internacional de *star architect* dos seus autores. O maior erro dos Smithson pode ter sido a sua confiança ingénua e exagerada na capacidade da arquitectura oferecer uma solução para problemas sociais.” Segundo o mesmo, isto deve-se à sua concepção, justamente antes de a Grã-Bretanha ter sucumbido à procura da indulgência individual às custas da dispendiosa infra-estrutura comunal, o que expõe a difícil relação que os Smithson tiveram com o Greater London Council durante o trabalho. Desde o início dos trabalhos que o projecto teve uma longa e árdua história por trás que o mesmo autor explica. Segundo Heuvel, o projecto foi elaborado numa situação de alienação dos Smithson face ao Welfare State (Estado do Bem-Estar) – o órgão responsável pela construção de obras de habitação pública, na época. Isto motivou o artigo “The Violent Consumer” que Alison Smithson escreve em Maio 1974 – apenas dois após a sua conclusão. Neste desabafo escrito, lida com o falhanço do sonho do Estado do Bem-Estar. Viam-na agora como a versão degenerada da instituição que tinham sempre apoiado. E Alison questiona-se se era sensato basear os ideais socialistas na classe média, quando a própria realidade do Estado do Bem-Estar provava que os seus beneficiários não se incluíam nestes padrões – que via os cidadãos como meros consumidores. Ora, o edifício Robin Hood Gardens é construído no meio destas condições. E não é possível que um edifício receba uma aceitação graciosa dos moradores e das entidades governamentais quando o diálogo entre estes e os arquitectos não está na mesma linha ideológica nem na procura de alcançar os mesmos objectivos. Nem mesmo entre os moradores e o GLC – as tensões constantes entre estes obrigou a severas mudanças no projecto, e especialmente, a uma falta de respeito ao edifício aquando da sua ocupação. E Helena Webster confirma esta situação quando: “Apesar da sofisticação intelectual das intenções, no cômputo geral, o esquema falhou como lugar de habitação humana. / A circulação vertical, e as plataformas, empobrecidas e abusadas, fez com que o esquema, apesar dos seus méritos formais, se tornasse impopular.”<sup>94</sup>

---

<sup>94</sup> Helena Webster, “Modernism Without Rhetoric: The Work of Alison and Peter Smithson”, in *Modernism Without Rhetoric*, p73

No entanto, sua segunda visita de Heuvel ao projecto confirma o seu sentimento de que é um projecto heróico – tendo o dano acarretado pelos seus habitantes e as não menos agressivas renovações levadas a cabo pelo *owner-steward*: “Os dois enormes blocos de habitação ainda são robustos, parecendo tão sólidos como rochas nas ondas. / Formam um fundo estável para as mudanças na vida do dia-a-dia, e são capazes de absorver estas mudanças precisamente pela sua natureza impessoal. Mas o que é verdadeiramente heróico no edifício é a sua dimensão Utópica. O seu *timing* não podia ter sido mais embaraçoso, poderá até ter ser desajeitado, no entanto, ao construí-lo, Alison e Peter Smithson estavam a tentar criar um mundo melhor, para todos os cidadãos.”; O projecto “Robin Hood Gardens aponta para uma visão diferente de futuro”, “representa uma Nova Grã-Bretanha genuinamente virulenta, vai além do contexto Britânico, apresentando-nos uma imagem de uma nova Europa.”

Outro artigo no mesmo livro mostra uma opinião semelhante. Connie Ochiliani confessa o que sentiu quando atingiu o topo do monte do pátio: “Experimentei uma mistura de sentimentos, assim como sentiu a minha companhia. Estes iam desde o prazer da própria descoberta até ao sentimento de testemunhar um sonho antigo, e o sentimento de que o sonho poderia ainda ser nosso como legado para as gerações vindouras. / Quer ser universal, maior que a nossa pequena situação – relacionado com uma lei superior.”<sup>95</sup>

O jardim interior parece reunir opiniões semelhantes nos dois autores. Dirk van den Heuvel refere no seu artigo que o jardim ainda “é a melhor característica do complexo, um oásis de paz no meio das ruas movimentadas da zona. / Os habitantes apropriaram-se finalmente deste espaço aberto. Ao lado de um caminho de crianças espiralado, um conjunto de degraus largos foi assente em direcção ao topo do monte mais elevado.”<sup>96</sup> Vemos neste espaço a capacidade do edifício em adaptar-se à vontade do habitante. Em ser capaz de se relacionar com o habitante. O pátio, é sem dúvida o principal elemento do edifício. Heuvel reconhece-o: “A característica fundamental é este espaço colectivo, ao invés da antiga ideia de rua no ar.”<sup>97</sup> É aqui que a vida se manifesta. Uma visita ao edifício pode confirmar esse facto. Entre as pequenas hortas em frente de suas casas, os habitantes plantam alguns legumes (no caso dos que habitam no piso térreo), enquanto

---

<sup>95</sup> Connie Ochiliani, “Looking From a Different Angle”, in *Architecture is not made with the brain*, pp 38-40

<sup>96</sup> Dirk van den Heuvel, “Recolonising the Modern: Robin Hood Gardens”, in *Architecture is not made with the brain: The labour of Alison and Peter Smithson*, p. 35.

<sup>97</sup> Dirk van den Heuvel, “Robin Hood Gardens housing estate, London 199-72”, in *Team 10: in search of a Utopia of the present*, p. 174.

outros olham pelos filhos que brincam nos escorregas, ou correm no jardim. Aquele é mesmo um pedaço de calma e tranquilidade entre o movimento e o ruído dos automóveis. Uma visita às galerias confirma também a sua capacidade em oferecer aos habitantes um local de encontro. Crianças jogam futebol e alguns idosos conversam diante das suas casas. Supondo que, pela idade, não se afastam muito mais de casa, é fácil perceber que também não precisam para aproveitar o Sol e a vista enquanto conversam com o vizinho. Se porventura o edifício falha em oferecer uma rua no ar, consegue ser eficaz em oferecer um sentimento de vizinhança. Mas não pode esquecer a vontade dos seus autores, criar efectivamente uma rua no ar. No entanto, é justamente pelas limitações orçamentais e pela aparente dificuldade de diálogo entre o GLC e os Smithson, que a transposição da ideia de ruas no ar do Golden Lane para o Robin Hood Gardens falha. Van den Heuvel dá conta da eliminação dos jardins pátio do Golden Lane pela falta de verbas.

Estas dificuldades são evidentes no artigo de Christopher Woodward, um antigo colaborador e arquitecto responsável pela execução do Robin Hood Gardens, que tem uma opinião oposta à de Dirk van den Heuvel, referindo-se ao artigo de mesmo. Afirma que “Dirk van den Heuvel, na sua meditação pensativa da habitação irritantemente perversa, nos Robin Hood Gardens (da qual eu sou privilegiado, ou culpável – ainda não decidi qual – de ser um dos dois arquitectos responsáveis), tenta, corajosamente, fazê-la parecer melhor do que é, mas falha. A impressão em apêndice do manifesto “Criteria for Mass Housing” de 1957, chama apenas a atenção, tanto na altura como agora, para a provável distância psico-geográfica intransponível entre o escritório em Kensington e o local problemático de Poplar. A execução do projecto contradiz nitidamente a epígrafe dos Smithson no início do livro<sup>98</sup>: “O que escrevemos surgiu da experiência da construção dos projectos.”<sup>99</sup> Vai mais além, pois quando refere ao livro *Architecture is Not Made With the Brain*, expõe um facto de interesse: “A grande quantidade de palavras frequentemente contrárias e contraditórias que os Smithson produziram durante a sua vida.”<sup>100</sup>

O que este artigo tem de interesse é, não só a absoluta confirmação da descendência do Robin Hood Gardens no Golden Lane, uma vez que é testemunhada por um

---

<sup>98</sup> MOSTAFAVI, Mohsen - *Architecture is not made with the brain: The labour of Alison and Peter Smithson*. Londres: Architectural Association, 2005

<sup>99</sup> Christopher Woodward, “Who cares about the Smithsons any way?”, 22 de Abril, 2005, <http://www.bdonline.co.uk/culture/who-cares-about-the-smithsons-any-way/?/3050111.article>

<sup>100</sup> Christopher Woodward, “Who cares about the Smithsons any way?”, 22 de Abril, 2005, <http://www.bdonline.co.uk/culture/who-cares-about-the-smithsons-any-way/?/3050111.article>



responsável da sua construção; mas também uma crença na sobrevalorização do edifício no contexto obra brutalista dos seus autores, pois inicia este artigo com a frase: “Terá a influência brutalista do duo, sido sobrevalorizada?”<sup>101</sup>. Ora esta afirmação parece deitar abaixo a declaração de Helena Webster de que o edifício é uma obra paradigmática da mesma estética brutalista. – E mesmo o título do artigo coloca outra questão – “Who cares about the Smithsons any way?”<sup>102</sup> (Quem é que se preocupa realmente com os Smithson?). Em conjunto, estas questões alertam-nos para uma reavaliação do duo de arquitectos.

Quando confrontado com a opinião de Woodward, Dirk van den Heuvel<sup>103</sup> refere que este é uma importante testemunha, mas que não é imparcial – um incidente complicado entre o próprio e os Smithson fê-los tratá-lo injustamente e despedi-lo. Confessa que não considera “um problema o facto de os Smithson se contradizerem uma vez ou outra. Só os torna mais interessantes, sobretudo para arquitectos praticantes que enfrentam todo o tipo de “incomesurabilidades” todos os dias.”<sup>104</sup> E que considera os projectos e ideias dos Smithson como os mais úteis na reflexão desses problemas dos arquitectos.

No último parágrafo da sua resposta, Heuvel reflecte sobre a posição de Woodward:

“O que se pode retirar da resposta da resposta de Woodward no fim é de que existe um problema de classes – o que ele chama de distância psico-geográfica entre Kensigton (muito rico) e Poplar (muito pobre). Em mais nenhum lugar, o problema de classes é inglês é tão específico e é difícil percebê-lo completamente. Dependendo da própria visão política, é possível concluir que tal projecto de habitação, enquanto parte das provisões do Estado do Bem-Estar, nunca deveria ter sido feito.”<sup>105</sup>

É possível que nenhuma outra frase espelhe tão bem a descoordenação entre os clientes e os arquitectos; e entre os arquitectos e o Estado do Bem-Estar. E ilustra muito bem a situação já exposta – que a longa e difícil história dos Robin Hood Gardens reflecte o diálogo incapaz entre os seus intervenientes.

---

<sup>101</sup> Christopher Woodward, “Who cares about the Smithsons any way?”, 22 de Abril, 2005, <http://www.bdonline.co.uk/culture/who-cares-about-the-smithsons-any-way/?/3050111.article>

<sup>102</sup> Christopher Woodward, “Who cares about the Smithsons any way?”, 22 de Abril, 2005, <http://www.bdonline.co.uk/culture/who-cares-about-the-smithsons-any-way/?/3050111.article>

<sup>103</sup> De notar que Heuvel toma o cuidado do referir que não só não conhecia o artigo como conhece pessoalmente Christopher Woodward e considera-o um amigo: “I didn't know this piece of writing of Christopher Woodward - I know him personally and I think I consider him a friend.”

<sup>104</sup> Esta citação vem de uma pergunta directamente feita ao arquitecto Dirk van den Heuvel, a 4 de Julho de 2010, e respondida a

<sup>105</sup> Idem

Atendendo à linhagem de projectos que o projecto Robin Hood Gardens, é necessário tentar compreender a eficácia da transposição das ideias do Golden Lane para este. Na contextualização do projecto na situação vivida entre os arquitectos e as entidades governamentais, já foi estabelecida uma relação entre a transposição da ideia de ruas no ar para elemento construído. Para Helena Webster, é surpreendente essa mesma transposição, sobretudo porque já se tinha tornado evidente que os blocos de habitação em altura acedidos por plataformas criavam mais problemas do que aqueles que resolviam, fossem de ordem social ou prática. E dá o exemplo do projecto Park Hill, de Sheffield – “terminado em 1961, já mostrava sinais de inadequação, ainda antes do final da década. Por esta altura, as rejeições pública e académica já tinham começado.”<sup>106</sup>

Peter Eisenman, reconhece a mesma característica de conceito teórico aplicado a uma construção – “Talvez o que se sente na realização do Robin Hood Gardens, enquanto construção, não é tanto um falhanço formal mas talvez, o falhanço das suas formas em sustentar a ideia de, tanto a generalização estética como dos elementos tipológicos.”<sup>107</sup> Segundo o mesmo, é possível ver a origem deste facto num problema mais geral na relação entre trabalho construído e ideias; particularmente na polémica social existente em muita da arquitectura social posterior à Segunda Guerra Mundial, e mais especificamente, no trabalho do Team Ten – “Parece ter havido sempre uma incongruência fundamental na posição do Team Ten; uma disparidade entre o que é dito e o que é feito.”<sup>108</sup> Segundo o mesmo, a “obsolescência cultural” de muita da habitação produzida durante a fase heróica do CIAM comprometeu o Team Ten com uma “preocupação agressiva” pelos problemas sociológicos e tecnológicos que motivaram a sua tentativa de compreender os padrões, as aspirações, os artefactos, as raízes e os meios de transporte e comunicação da sociedade da sua época. E Eisenman termina com uma frase que fundamenta bem esta conclusão:

*Se houvesse uma mudança, assim, radical entre a polémica de 1928 e 1959, poderá ter existido mais na mente do Team 10 do que nas ideias veiculadas pelas palavras. Se houvessem novas atitudes em relação à comunicação e tecnologia, seria de esperar uma nova concepção formal correspondente; tal como os Smithson disseram, novas*

---

<sup>106</sup> Helena Webster, “Modernism Without Rhetoric: The Work of Alison and Peter Smithson”, in *Modernism Without Rhetoric*, p73

<sup>107</sup> Peter Eisenman, “From Golden Lane to Robin Hood Gardens... or if you follow the Yellow Brick Road it may not lead to Golders Green”, in *Oppositions Reader*, p42

<sup>108</sup> Peter Eisenman, “From Golden Lane to Robin Hood Gardens... or if you follow the Yellow Brick Road it may not lead to Golders Green”, in *Oppositions Reader*, p42

*formas que projectariam uma imagem tecnológica da habitação genuína do séc. XX –  
“confortável, segura e não feudal.”<sup>109</sup>*

## **Rever bem este fim**

---

<sup>109</sup> Peter Eisenman, “From Golden Lane to Robin Hood Gardens... or if you follow the Yellow Brick Road it may not lead to Golders Green”, in *Oppositions Reader*, p42

ROBIN HOOD GARDENS:  
A condição paradigmática de uma teoria construída

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

### LIVROS

BULLOCK, Nicholas – **Building the post-war world: modern architecture and reconstruction in Britain**. London : Routledge, 2002. 288 p. ISBN 041522179X

FRAMPTON, Kenneth – **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo : Martins Fontes, 2008. 529 p. ISBN 9788533624269.

GOLDHAGEN, Sarah Williams; LEGAULT, Réjean – **Anxious modernisms: experimentation in postwar architectural culture**. Cambridge (Mass.) : The MIT Press, 2000. 335 p. ISBN 0262072084.

HAYS, Michael K. – **Oppositions reader: selected readings from a Journal for Ideas and Criticism in Architecture**. New York : Princeton Architectural Press, 1998. 720 p. ISBN 9781568981536.

HEUVEL, Dirk van den; RISSELADA, Max – **Alison y Peter Smithson: de la casa del futuro a la casa de hoy**. Barcelona : Ediciones Polígrafo, 2007. 319 p. ISBN 9788434311688.

HEUVEL, Dirk van den; RISSELADA, Max – **Team 10: in search of a utopia of the present**. Rotterdam : NAI Publishers, 2006. 368 p. ISBN 9056624717.

JENCKS, Charles – **Movimentos modernos em arquitetura**. Lisboa : Edições 70, 2006. 372 p. ISBN 9789724404981.

LICHTENSTEIN, Claude; SCHREGENBERGER, Thomas – **As found: the discovery of the ordinary**. Baden : Lars Müller Publishers, 2001. 320 p. ISBN 3907078438

MONTANER, Josep Maria – **Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX**. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 2001. 272 p. ISBN 9788425218286.

MOSTAFAVI, Mohsen - **Architecture is not made with the brain: the labour of Alison and Peter Smithson**. London : Architectural Association, 2005. 96 p. ISBN 1902902432.

MUMFORD, Eric – **The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960**. Cambridge (Mass.) : MIT Press, 2000. 383 p. ISBN 0262133644.

OCKMAN, Joan – **Architecture Culture 1943-1968: A Documentary Anthology**. New York : Rizzoli International Publications, 2000. 464 p. ISBN 0847815226

ROBBINS, David – **The Independent Group: postwar Britain and the aesthetics of plenty**. Cambridge (Mass.) : The MIT Press, 1990. 256 p. ISBN 0262181398.

SADLER, Simon – **The situationist city**. Cambridge (Mass.) : MIT Press, 1999. 233 p. ISBN 0262193922.

SMITHSON, Alison – **AS in DS: an eye on the road**. Baden : Lars Müller Publishers , 2001. 163 p. ISBN 390707842X.

SMITHSON, Alison (ed.) – **Team 10 meetings: 1953-1984**. New York : Rizzoli, 1991. 148 p. ISBN: 9052690766.

SMITHSON, Alison (ed.) – **Team 10 primer**. Cambridge (Mass.) : MIT Press, 1968. 112 p. ISBN: 9780262690478.

SMITHSON, Alison; SIMTHSON Peter – **Cambiando el arte de habitar: piezas de Mies, sueños de los Eames, the Smithsons**. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 2001. 165 p. ISBN 8425218365.

SMITHSON, Alison; SIMTHSON Peter - **Ordinariness and light: urban theories 1952-1960 and their application in a building project 1963-1970**. Cambridge (Mass.) : The MIT Press, 1970. 200 p. ISBN 0262190826.

SMITHSON, Alison; SIMTHSON Peter - **The charged void: architecture**. New York : The Monacelli Press, 2001. 600 p. ISBN 1580930506.

SMITHSON, Alison; SIMTHSON Peter - **The charged void: urbanism**. New York : The Monacelli, 2005. 352 p. ISBN 1580931908.

SMITHSON, Alison; SIMTHSON Peter - **Without rhetoric: an architectural aesthetic 1955-1972**. London : Latimer New Dimensions, 1973. 104 p. ISBN 901539201.

SPELLMAN, Catherine; UNGLAUB, Karl – **Peter Smithson: conversations with students**. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 2004. 96 p. ISBN 842521940X.

STRAUVEN, Francis – **Aldo van Eyck: the shape of relativity**. Amsterdam : Architectura & Natura, 1998. 680 p. ISBN 9071570614.

VIDOTTO, Marco – **Alison + Peter Smithson: works and projects**. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 1997. 232 p. ISBN 8425216842.

WEBSTER, Helena – **Modernism without rhetoric: essays on the work of Alison and Peter Smithson**. London : Academy Editions, 1997. 224 p. ISBN 1854904957.

AVERMAETE, Tom - **Another modern: the post-war architecture and urbanism of Candilis-Josic-Woods**. Rotterdam : NAI Publishers, 2005. 430 p. ISBN 9056624733.

## REVISTAS

“Rassegna”. Milan. 1992, vol. 52. ISSN 0393/0203.

## ARTIGOS

TRECALT, Sophie – Pensées croissés sur la ville contemporaine. L’Architecture d’aujourd’hui. ISSN 0003/8695. 344 (2003) 46-53.

## PÁGINAS INTERNET

PEDRET, Annie – Preparing CIAM X 1954-1955 [Em linha]. Rotterdam : ArchiNed. [Consult. 5 Jul. 2010]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.team10online.org/>

HEUVEL, Dirk van den – Team 10 and its topicalities [Em linha]. Rotterdam : WWW:<URL:<http://www.team10online.org/>

PEDRET, Annie – Reconstruction, School Building and the Avant-Garde [Em linha]. Rotterdam : ArchiNed. [Consult. 5 Jul. 2010]. Disponível em URL:<http://www.team10online.org/>

BURY, Liz – English Heritage faces critics at Robin Hood Gardens debate [Em linha]. BDOonline, 2009. [Consult. 10 Jul. 2010]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.bdonline.co.uk/news>

Desconhecido – Robin Hood Gardens: The videos for and against [Em linha]. BDOonline, 2009. actual. [Consult. 10 Jul. 2010]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.bdonline.co.uk/news>

WINSTON, Anna – Prasad makes final bid to save Robin Hood Gardens [Em linha]. BDOonline, 2009. [Consult. 10 Jul. 2010]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.bdonline.co.uk/news>

## LISTA DE FONTES DE IMAGENS

FIG. 1 HITCHCOCK, Henry Russel; JOHNSON, Phillip – **El Estilo Internacional: Arquitectura desde 1922.** (Da bibliografia)

FIG.2 <http://www.flickr.com/photos/jannon/3570564485/>



## ANEXOS

Alison and Peter Smithson

“The New Brutalism,”<sup>110</sup>

Architectural Design,

April 1957

If Academicism can be defined as yesterday’s answers to today’s problems, then obviously the objectives and aesthetic techniques of a real architecture (or a real art) must be in constant change.

In the immediate post-war period it seemed important to show that architecture was still possible, and we determined to set against loose planning and form – abdication, a compact disciplined architecture.

Simple objectives once achieved change the situation, and the techniques used to achieve them become useless.

So new objectives are established.

From individual buildings, disciplined on the whole by classical aesthetic techniques, we moved to an examination of the *whole* problem of human associations and the relationship that building and community has to them. From this study has grown a completely new attitude and a non-classical aesthetic.

Any discussion of Brutalism will miss the point if it does not take into account Brutalism’s attempt to be objective about “reality” – the cultural objectives of society, its urges, its techniques, and so on. Brutalism tries to face up to a mass-production society, and drag a rough poetry out of the confused and powerful forces which are at work. Up to now Brutalism has been discussed stylistically, whereas its essence is ethical.

---

<sup>110</sup> SMITHSON, Alison; SMITHSON, Peter, “The New Brutalism”, in ROBBINS, David – **The Independent Group: postwar Britain and the aesthetics of plenty**. Cambridge (Mass.) : The MIT Press, 1990. 256 p. ISBN 0262181398.

## Urban ReIdentification Grid

(De acordo com o publicado no livro *Team Ten Primer*)

Alison e Peter Smithson

CIAM 9, Aix-en-Provence

24 Julho 1953

*O projecto Golden Lane Deck Housing relaciona-se / com o problema de identidade.*

*Sugere que uma comunidade deve ser construída por uma hierarquia de elementos associativos e tenta expressar estes vários tipos de associação (a casa, a rua, o bairro, a cidade).*

*É importante perceber que os termos usados; Rua, Bairro, etc. não são para ser entendidos como realidades, mas como ideias; e que é nosso dever encontrar “novos” equivalentes para estas formas de associação na nossa nova sociedade “não-demonstrativa”.*

*O problema de “reidentificar” o Homem com o seu ambiente (contenu et contenant) não pode ser alcançado pelo uso de formas históricas de agrupamentos habitacionais, ruas, praças, áreas verdes, etc., uma vez que a realidade que estes apresentam já não existe.*

*Na associação complexa que é uma comunidade, a coesão social só pode ser alcançada se a facilidade de movimento for possível, e isto dá-nos a nossa segunda lei; a de que a altura (densidade) deve aumentar de acordo com o aumento da população, e vice-versa. No contexto de uma grande cidade com edifícios altos, para manter a facilidade de movimento, propomos uma cidade em múltiplos níveis com “ruas-no-ar” residenciais. Estas estão ligadas num complexo contínuo distribuído por vários níveis, unido onde for necessário, a espaços de trabalho, e àqueles elementos terrenos que são necessários a cada nível de associação. A nossa hierarquia de associações está cosida num continuum modulado que representa a verdadeira complexidade das associações humanas.*

*A concepção está em oposição directa com o isolamento arbitrário das chamadas comunidades da “Unité” e da “vizinhança”.*

*Acreditamos que tal hierarquia de associações humanas deveria substituir a hierarquia funcional da “Chartre d’Athènes.”<sup>111</sup>*

---

<sup>111</sup> SMITHSON, Alison; SMITHSON, Peter, CIAM 9, Aix-en-Provence, 24 de Julho de 1953; in SMITHSON, Alison (ed.), *Team Ten Primer*. pp.77-78.

# 1. TEXTOS DOCUMENTANDO O DESENVOLVIMENTO DA EXPOSIÇÃO PARALLEL OF LIFE AND ART, POR ALISON E PETER SMITHSON

## FALTAM ELEMENTOS

“Em 1952, a ideia para uma exposição foi apresentada ao ICA por Alison e Peter Smithson.

Esta tomou a forma de um manifesto:

*O primeiro grande período criativo da arquitectura moderna acabou em 1929 e o trabalho subsequente a este pode ser visto como trabalho exploratório para o segundo grande período que começa agora.*

*Os dois períodos caracterizam-se por desenvolvimentos paralelos e simultâneos na arquitectura – engenharia – pintura – escultura: as atitudes, teoremas, imagens, de cada, encontrando consonância não solicitada nos outros.*

*Nos anos vinte, uma peça de arte ou uma peça de arquitectura era uma composição finita de elementos simples: elementos que não têm uma identidade separada mas existem apenas em relação com o todo. O problema dos anos cinquenta é o de reter a claridade e a finitude do todo e o de dar ás partes as suas próprias disciplinas e complexidades internas.*

*O segundo grande período criativo deveria ser proclamado por uma exposição na qual as justaposições dos fenómenos dos nossos vários campos deveriam tornar óbvia a existência de uma nova atitude. A nossa exposição iria apresentar a fase de abertura do movimento do nosso tempo e registá-la como a vemos agora, tal como o fez o pavilhão Esprit Nouveau para 1925.*

A exposição irá apresentar material que pertence, intimamente, à experiência de toda a gente nos dias de hoje. Muito disto tem sido completamente tomado como certo ao ponto de se ter afundado sob o limiar da percepção consciente. Uma introdução a estes subprodutos visuais da nossa maneira de pensar irá, talvez, dissipar a confusão que as pessoas sentem quando confrontadas com as mais recentes manifestações das actividades humanas.

O material da exibição será retirado da vida – natureza – indústria – construção – das artes – e está a ser seleccionado para mostrar não tanto a aparência enquanto princípio – a realidade entre a aparência – que são, aquelas imagens que sumarizam o

desenvolvimento significativo em cada um dos campos desde 1925 e que contém nelas  
mesma as sementes do futuro.”<sup>112</sup>

---

<sup>112</sup> Alison e Peter Smithson, “Addendum: texts documenting the development of Parallel of Life and Art, in *The Independent Group: Postwar Britain and the Aesthetics of Plenty*, p129

## Human Associations

Escala de Associações Humanas de acordo com a publicação no livro

### *Ordinariness and Light*

Human Assotiations

O que é que procuramos?

Podemos assumir a existência de um padrão de associação ideal?

No vazio – sem saber o que fazer – é correcto continuar a construir para um padrão de vida ossificado?

As ideias sobre como oferecer habitação estão (numa) tremenda confusão.

As coisas não deveriam ser diferentes sem nenhuma razão.

As coisas da mesma ordem deveriam ser tão semelhantes como as folhas.

Construir uma “propriedade” onde cada casa é diferente não é identificar, mas destruir a possibilidade de fazerem maior sentido em conjunto.

As casas são células de bairros, assim como os bairros são células de cidades, e sem uniformidade, as casas não se juntam a nada. A mudança de estilo ou dimensão numa casa deve ser um símbolo de uma realidade de organização social, e não um capricho de “desenho urbano”.

“Para o psicólogo social, a sociedade representa, acima de tudo, uma imagem de uma rede de relações humanas. A força e direcção dessas relações não determinam apenas a coerência e eficiência da sociedade – são também a fonte primária de satisfação individual. A função do planeamento social é, principalmente, reforçar e direccionar essas relações... No entanto, a teoria de planeamento urbano tem-se inclinado a construir grupos, sob um princípio funcional, em redor de um infantário, de um centro social ou de um conjunto de lojas. Tais teorias ignoram o facto de que os habitantes poderão preferir uma escola diferente (por razões religiosas, por exemplo), poderão preferir comprar no centro da cidade, ou poderão preferir estabelecer os seus contactos sociais na piscina, no clube de xadrez, ou no salão de baile.”<sup>113</sup>

A presunção de que a comunidade pode ser “criada” por isolamento geográfico é inválida.

Os verdadeiros grupos sociais atravessam barreiras geográficas, e a principal ajuda à coesão social é a liberdade de agrupamentos e a facilidade de comunicação, em vez do

---

<sup>113</sup> Rattray Taylor, *Architect's Year Book 4*, 1952; p. 28-29.

isolamento de secções arbitrárias de toda a comunidade com comunicações impossivelmente difíceis, que caracterizam tanto o planeamento da vizinhança inglesa como o conceito da Unité de Le Corbusier.

A criação de grupos não arbitrários e de comunicações permanentes são as funções principais do urbanista. O grupo básico é, obviamente, a família; tradicionalmente, o próximo grupo é a rua (ou praça, ou jardim; qualquer palavra que por definição implique clausura ou pertença; portanto, “na nossa rua” ou “na estrada”), o próximo, o bairro; e finalmente a cidade. É o dever do arquitecto e do urbanista tornar estes grupos aparentes enquanto realidades tangíveis.

Nos subúrbios e nas favelas, as relações vitais entre a casa e a rua sobrevivem; as crianças vagueiam por ali (a rua é comparativamente calma), as pessoas param para falar, carros desmantelados estão estacionados. Nos jardins das traseiras há pombos e outras coisas, e as lojas estão logo ao virar da esquina: conheces o leiteiro, *estás* fora da *tua* casa na *tua* rua.

A casa, a concha que cabe nas costas do Homem, olha para dentro para a família e para fora para a sociedade, e a sua organização deveria reflectir esta dualidade de orientações. A liberdade de organização e a facilidade de comunicação, essencial à grande comunidade, deve estar presente nesta, na mais pequena. A casa é o primeiro elemento urbano definível.

As casas podem ser ordenadas de tal maneira que uma nova entidade é criada – a “rua”.

A “rua” é o nosso segundo elemento urbano determinável.

A “rua” é uma extensão da casa; nela, as crianças apreendem pela primeira vez o mundo além da família; é um mundo microcósmico no qual os jogos de rua mudam com as estações e as horas reflectem-se no ciclo da actividade da rua.

Mas no subúrbio e na favela, enquanto as ruas vão sucedendo outras ruas, vai-se tornando evidente que, embora, os nomes dos bairros se mantenham, já não existem como entidades físicas. Mas todos sabemos que outrora essas ruas estavam organizadas de um determinado modo e com tais elementos adicionais necessários à manutenção da vida, que formavam o terceiro elemento determinável da cidade, o bairro.

A diferença entre a aldeia e a cidade é só de dimensão, pois ambas são combinações de bairros.

A cidade é a derradeira comunidade; a “expressão tangível de uma região económica.”

É extremamente difícil definir os níveis mais altos de associação, mas a rua implica uma comunidade de contacto físico; o bairro uma comunidade de conhecidos; e a cidade, uma comunidade de contacto intelectual.

Para manter a liberdade de ajuntamentos e facilidade de comunicação, a densidade deve aumentar ao passo da população; e com grandes densidades, se queremos manter os prazeres essenciais do Sol, espaço e verde, temos que construir em altura.

Anteriormente, a aceitação da última parte desta ideia levou a um tipo de vida em altura na qual, a família é privada da sua vida ao ar livre essencial, e o contacto com outras famílias é difícil, senão impossível, nas estreitas varandas e patamares que são os únicos meios de comunhão e comunicação. Além disso, além dos vizinhos imediatos, a possibilidade de criar as amizades que constituem a “família alargada” são dificultadas pela completa ausência de comunicações horizontais no mesmo nível, e a ineficácia da comunicação vertical.

A ideia de “rua” foi esquecida.

É a ideia de rua e não a realidade da rua que é importante – a criação de espaços de reunião efectivos preenchendo a função vital de identificação e clausura, tornando a vida das ruas, socialmente vital, possível.

Estas “ruas” são possíveis, em todas as densidades, pela criação de uma verdadeira plataforma-rua no ar, tendo cada plataforma um grande número de pessoas dependendo desta para acesso, e algumas plataformas sendo vias de passagem – levando a lugares – de maneira a que cada uma tenha a sua característica especial.

Que se identifique, de facto.

Cada parte de cada plataforma deve ter um número de pessoas, acedidas por esta, suficiente para se tornar numa entidade social e estar ao alcance de um número bastante maior a cada nível.

As plataformas seriam lugares, e não corredores ou varandas: vias de acesso onde há “lojas”, caixas do correio, cabines telefónicas.

Onde a plataforma é puramente residencial, a habitação individual e o jardim-pátio garantem um padrão de vida equivalente ao da verdadeira rua ou da praça; nada se perde e ganha-se a elevação.

O bloco de apartamentos desaparece e a vida em altura torna-se uma realidade.

É habitual os urbanistas adoptarem soluções de habitação, na moda da arquitectura, como base para densidades residenciais teóricas.

O caso clássico é o das cinco habitações por hectare, uma densidade de mérito social rigoroso, dando a quantidade de terreno que um artesão diligente podia trabalhar para seu lucro, no seu tempo livre, em 1912. Tal densidade (15-20 pessoas por hectare) ainda é a base do chamado “desenvolvimento aberto”.

Temos todos visto que os resultados de tais densidades são desastrosos.

Na escala mais pequena, mineiros alojados a 15 por hectare têm dois jardins (frente e traseiras), dos quais apenas um em dez está preparado sequer para parecer que é para cultivar (depois de um turno de trabalho, quantos querem cavar batatas com £30 no bolso de trás das calças?). Nas cidades maiores, o aumento da distância de viagem afecta materialmente o trabalhador mais pobre.

Os edifícios em altura só são tolerados “para possibilitar o máximo número possível de habitações, de dois e três andares, nessas áreas.”

No County of London Plan, de 1943, três níveis de densidade foram adoptados; 40, 55 e 90 pessoas por hectare, tendo a área mais pequena no centro, 90 por hectare; depois a área maior, 136; e finalmente as áreas exteriores, 40. Estas áreas foram ajustadas para dar a densidade geral de 55 pessoas por hectare, produzindo o máximo de população derramada absorvida de 600,000 pessoas. Este derramar devia ser absorvido pelas cidades satélite cuja existência, tal como o nome indica, depende da própria cidade e cuja execução varia consoante o princípio da máxima conveniência e da mínima deslocação.

Realisation: cost, legislation, versus dreams

(Concepção: custo, legislação versus sonhos)

Em 1952 produzimos um projecto sujeito a competição que reabilitava uma área da Londres Central de acordo com os princípios de Reidentificação Urbana.

O projecto Golden Lane foi rejeitado.

Golden Lane é parte de uma área conhecida como Bunhill Fields, que estava programado para o Comprehensive Developmet (Desenvolvimento Abrangente) pelo London County Council. Tinha sido, quase completamente, arrasado por bombardeamentos e tinha, também, sido usado como local de despejo de cascalho provocado pelos mesmos. A exploração da área, à altura da competição, foi um péssimo conjunto de habitações Peabody Trust e edifícios em altura. Actualmente já não existem



campos em Bunhil, mas existe uma vista em altura para sul da cathedral de S. Paulo e a Pool of London.

A área bruta do terreno em competição, incluindo partes das ruas envolventes, era de 2 hectares. A densidade populacional aprovada para o local era de 100 pessoas por hectare. A população deveria ser calculada segundo a medida de 1.1 pessoas por quarto habitável e com o máximo possível de habitações (de vários tipos) deveria ser garantido.

Dentro deste sistema e com rigorosa atenção à economia, tentámos provar que viver em locais de alta densidade não significa, necessariamente, baixos padrões de vida; que um modo de vida infinitamente mais rico e satisfatório é possível aqui e agora; e que isto não obrigava à demolição de áreas inteiras, mas que podia ser construído conforme os terrenos ficassem disponíveis.

O terreno da Golden Lane é parte de uma área conhecida como Bunhill Fields, que foi programada para um Comprehensive Development pelo London County Council. Foi quase completamente arrasada por bombardeamentos e tem sido usada como despejo do entulho dos bombardeamentos. A perspectiva do nível do solo no momento da competição era uma triste degradação das habitações Peabody Trust e de edifícios em altura. Já não existem campos em Bunhill, mas há uma magnífica vista panorâmica para o Sul de St. Pauls e para a Pool of London.

A área bruta do terreno do concurso, incluindo partes das ruas envolventes, era de 2 hectares. A densidade populacional aprovada para o local era de 100 pessoas por hectare. A população deveria ser calculada segundo a medida de 1.1 pessoas por quarto habitável e o máximo possível de habitações (de vários tipos) deveria ser garantido.

Dentro deste sistema e com rigorosa atenção à economia, tentámos provar que viver em locais de alta densidade não significa, necessariamente, baixos padrões de vida; que um modo de vida infinitamente mais rico e satisfatório é possível aqui e agora; e que isto não obrigava à demolição de áreas inteiras, mas que podia ser construído conforme os terrenos ficassem disponíveis.

Para isto propusemos três níveis de “ruas no ar”, e a cada nível chamámos de “plataforma”. Em cada “plataforma” iriam viver 90 famílias, com as suas actividades de grupo concentradas nos dois cruzamentos das ruas. Estes cruzamentos têm tripla altura, contrastando com a altura de um nível das plataformas, convidando qualquer um a demorar-se e a passar o tempo. Existem escadas e elevadores nestes cruzamentos e finais de plataformas (que também têm tripla altura).

Todas as habitações têm as suas portas da frente ao nível da plataforma e as suas acomodações principais abaixo ou acima da plataforma.

A unidade base (apartamento dos pais) é igual para todas as habitações do esquema, e vários tamanhos de família podem ser acomodados em quartos adicionais (crianças) ao nível da plataforma. Com estes quartos adicionais estão os pátios-jardim – 5x2.5m quando são dois quartos adicionais (tipo M4). A maioria, mas não a totalidade, dos quartos têm pátios-jardim.

Estes pátios-jardim, que podem ser vistos na plataforma, trazem a vida do exterior de uma casa normal – jardinagem, limpeza de bicicletas, instalações, pombos, brincadeiras de crianças, etc., para a plataforma, identificando as famílias com a sua “casa” na sua plataforma. As disposições ao nível da plataforma são “separadas”, “semi-separadas” ou “geminadas” (cada plataforma difere uma da outra). A parte da habitação ao nível da plataforma é pequena, acolhedora para a criança brincalhona, e a vista do estrangeiro que vai passando é enriquecida por relances, de cidade e de rio, através dos pátios-jardim abertos.

Estas plataformas pedestres não são meras varandas. Duas mulheres com carrinhos de bebé podem parar e falar sem obstruir o fluxo, e são seguros para as crianças pequenas, uma vez que os únicos veículos com rodas permitidos são os carrinhos de mão – e os carrinhos eléctricos dos comerciantes.

As plataformas no projecto da competição seguem os seguinte padrão:

CHÃO	habitações de 4 e 1 pessoas
PRIMEIRA PLATAFORMA	habitações de 4 e 2 pessoas
SEGUNDA PLATAFORMA	habitações de 3 pessoas
TERCEIRA PLATAFORMA	habitações de 3 e 2 pessoas

Esta organização é feita de maneira a que a secção vertical do complexo tenha as habitações na mesma proporção em todo o conjunto, mas uma vez que as mesmas unidades padrão vão aparecendo no conjunto, pode ser variado para se adaptar às necessidades locais.

O uso de casas como casas-loja e casas-oficina não irão interferir com o funcionamento normal do plano, uma vez que há sempre a possibilidade de haver duas “portas da frente”. O jardim-pátio pode ser usado como um meio de acesso alternativo, ou para um quiosque de mercado.

Quanto à aparência do complexo, seria melhorada, ao invés de piorada por tais mudanças. Os padrões da fachada são o resultado da disposição lógica das partes em

concordância com a atitude social consciente – a ordem, é baseada em padrões de vida, e não em padrões de arquitectura.

Para reflectir a continuidade da rua plataforma, os blocos encontram-se numa articulação ininterrupta, que as juntas de expansão (rever este termo para não haver confusões: expansion joint) pontuam de acordo com as suas próprias leis. A total penetração dos jardins-pátio dissolve o efeito de parede morta do bloco de habitação convencional, e produz vinhetas de vida e céu constantemente mutáveis; sendo a habitação individual, claramente, a medida e razão para o todo.

As pessoas são a sua decoração predestinada.

A instalação de tal sistema de plataformas seria como estabelecer as linhas dos esgotos principais. Uma “lei de plataformas” providenciaria ruas pedestres em níveis especificados.

Nenhum edifício teria o seu ponto de entrada principal no chão.

Descer ao terreno seria um pequeno evento, tal como ir ao cinema, à escola, ao escritório, ou jogar ténis, uma viagem especial por um motivo especial.

O acesso às estradas seria através de garagens em vários níveis e rampas de estacionamento.

As entradas públicas de algumas lojas e escritórios poderiam ser feitas directamente a partir de plataformas pedestres.

As vias no ar poderiam ser uma rede, como a de escoamento, para a qual toda a gente se conecta. Seriam um dado adquirido, tão congestionado como qualquer outro serviço público., mas suficientemente revolucionário para tornar a reorganização urbana um facto, para fazer da reidentificação um facto, e a organização desses factos possível. Seria quase como aprovar uma lei contra a construção de edifícios fora de moda, pela “estética” desta escola que seria subjugada, e as suas soluções em stock não seriam mais aplicáveis.

Se a densidade desejável de tal conjunto habitacional é de 250 por 5000m<sup>2</sup>, ou não, é difícil de decidir.<sup>114</sup> Com o bairro totalmente desenvolvido, os padrões da legislação de planeamento urbano de Londres, para o dia, podem ser mantidos até ao dobro da altura do projecto Golden Lane, e certamente que com faixas de compras completamente desenvolvidas, garagens de vários pisos e outros serviços distritais, e a total

---

<sup>114</sup> 1966. Sobre densidade: agora pensamos que 180 pessoas por cada 5000m<sup>2</sup>, pela “sensação” e “cheiro” de tais densidades. Provavelmente, na maioria dos casos, 120 por cada 5000m<sup>2</sup> “pareceria normal” de acordo com os valores actuais de serviços e posse de automóveis.

desocupação do terreno, alturas acima dos 50 metros seriam necessárias. Mas o senso comum aconselha uma altura máxima de 60m em áreas residências, uma vez que os ventos a esta altura já são espantosos.<sup>115</sup>

As folhas nas árvores deveriam ser reconhecíveis desde os nossos edifícios mais altos.

Nos escritórios, lojas, hotéis, etc., onde a plataforma já não é necessária como espaço social, a experiência Americana sugere que *não* há limite de altura estrutural ou psicológico.

O sistema de plataformas encaixaria na circulação vertical de tais complexos.

Este poderia ser o padrão das nossas cidades maiores.

Mas nas aldeias e vilas, a lei de densidade e dimensão irá operar contra a construção alta. Pois qual pode ser o mérito possível de um conjunto em altura quando a comunidade tem uma população diminuta? A altura impossibilitaria a facilidade de circulação, e perder o contacto com os jardins e campos sem ganhar a vantagem de intensa associação humana (que é a cidade) é insensato. Talvez viveríamos em altura, somente, em circunstâncias especiais de valores e locais de terreno. Mas é certo que a amálgama arbitrária e mutualmente comprometedora dos apartamentos e casas das nossas New Towns deveria ser excomungado.

Nas aldeias e vilas, o problema principal é descobrir soluções para a “rua” e para o “bairro” que se aproximam mais aos nossos padrões de vida mais genuínos. Os parques, as praças, a rua alcatroada das aldeias são formas históricas de associação; respostas a problemas bastante diferentes dos nossos, e é exactamente a este nível – definir os padrões de associação numa sociedade mecanizada e não demonstrativa – que falhámos de maneira mais significativa. Mas este documento tem a ver com a própria *urbe* – onde o problema de reidentificação é mais urgente, e para isto temos que voltar.”<sup>116</sup>

“O projecto Golden Lane foi um esquema piloto para testar e desenvolver soluções e técnicas. Suponha-se que projectamos um esquema para padrões sociais e estruturais ideias?

As casas seriam mais largas e mais simples que as do Golden Lane, onde as salas e equipamentos garantiriam padrões regulamentares (e obsoletos).

---

<sup>115</sup> Provavelmente, estas alturas para sistemas de plataforma aberta, são excessivas. É provável que sejam apenas praticáveis abaixo dos 30m.

<sup>116</sup> Alison e Peter Smithson, *Ordinariness and Light*, Cap.3, pp 39-61

Acabamentos interiores, divisórias, equipamentos e serviços seriam, primeiro que tudo, dos mais simples. Providenciariamos espaço suficiente para tornar possível a vida civilizada, e os ocupantes iriam mobilar aquelas coisas que seriam pessoalmente essenciais. Logo, poderíamos fornecer o homem que morreria sem um papel de parede de Morris ou uma casa de banho privado para visitas.

(...)

Para construir complexos de ruas e bairros a vários níveis com tais casas, deve ser inventado um sistema construtivo capaz de absorver um número de variações considerável; um que consiga garantir os vários comprimentos de plataformas, diferentes tipos de organizações de bairros, e tais ligações e penetrações, assim como garantir a facilidade de circulação e liberdade de agrupamentos que são fundamentais à ideia. E tais sistemas devem ser económicos, capazes de competir com outros tipos de organização de cidades com os seus próprios meios.

Vimos que a altura máxima para um conjunto residencial parece estar entre 45 a 60 metros. A tais alturas, a forma estrutural evidente parece ser a da box-frame, que é económico acima dos 16 pisos normais ou 50 metros.

Um edifício simples teria cinco níveis de plataformas.

A posição das vias públicas – as estradas principais – e a localização geral de lojas, mercados, bancos, pequenas oficinas, etc., teriam que ser decididas antes do estabelecimento das ruas-no-ar.

(...)

Dentro de uma geração, a cidade poderia servir-nos novamente, se ao menos pudéssemos começar. E com noções de cidade flexível (desprendida de ideias de número ou escala finitos) poderíamos enfrentar as mudanças inevitáveis.

Assim que possamos oferecer uma alternativa adequada ao lote pequeno e médio, podemos esperar ver os subúrbios abandonados por um tipo de vida melhor.

A ideia de uma cidade aberta, vivida em plataformas pedestres é completamente possível; é capaz de organização; não está limitada ao trabalho de um homem, a um horário, ou a um estilo.

A ideia pode ser simplesmente declarada.

É uma ideia capaz de extensão. A sua colocação não está dependente de um rigor geométrico, e as secções podem ser construídas à medida que o terreno vai ficando disponível, e posteriormente conectadas. Esta acção poderia libertar a cintura decadente que está em redor da maioria das nossas cidades. Aplicado a Londres, a velha franja

doméstica formaria uma nova fronteira à Inner City (Centro da Cidade). Estes elementos mais remotos poderiam formar ameias de onde se poderia observar a área livre do sopé de Highgate e Hampstead.

Por esta altura, pequenas unidades estariam emergindo por entre o mar de subúrbios periféricos – formas crescendo finitamente nos seus campos de recreio.

Este processo seria aplicável a todas as áreas urbanas antigas.

Todas as cidades seriam capazes de sentir a sua forma; ver a terra desenrolar-se nela.

O homem nas ruas seria capaz de ver os monumentos da cidade que a qualquer passo o poriam em exacta relação com a sua envolvente.

Os contornos da cidade já não passariam despercebidos e os edifícios famosos já não ficariam escondidos: tal como em Istambul, deveríamos ver a nossa cidade espriar-se em padrões significativos em constante mutação.

Manifesto de Doorn – Reunião do CIAM 29-30-31 Janeiro 1954, Doorn

Bakema, van Eyck, van Ginkel, Hovens-Greve, Smithson, Voelker

Declaração de Habitat:

1. A Carta de Atenas propunha uma técnica que poderia contrariar o caos do séc. XIX e recuperar os princípios de ordem nas nossas cidades.
2. Através desta técnica, a esmagadora variedade das actividades urbanas era classificada em quatro funções distintas que se acreditava serem fundamentais.
3. Cada função era concretizada como uma totalidade em si própria. Os urbanistas podiam compreender de modo mais claro o potencial do séc. XX.
4. A nossa declaração tenta oferecer um método que irá libertar ainda mais este potencial.

Como resultado directo do 9º Congresso em Aix, concluímos que se queremos criar uma Charte de l’Habitat, devemos redefinir os objectivos do urbanismo, e ao mesmo tempo criar uma nova ferramenta que torne estes objectivos possíveis.

O urbanismo considerado e desenvolvido nos termos da Charte d’Athènes tende a produzir “cidades” nas quais as associações humanas vitais são expressas inadequadamente.

Para compreender estas associações humanas devemos considerar cada comunidade como um complexo “absoluto” particular.

Para tornar possível esta compreensão, propomos estudar o urbanismo como comunidades de graus de complexidade variável.

Estes podem ser vistos na Escala de Associações mostrada em baixo:



Sugerimos que os grupos de trabalho (barra: “comissões”) trabalhem cada um num “campo” (não um assunto) da Escala de Associações, como por exemplo: edifícios

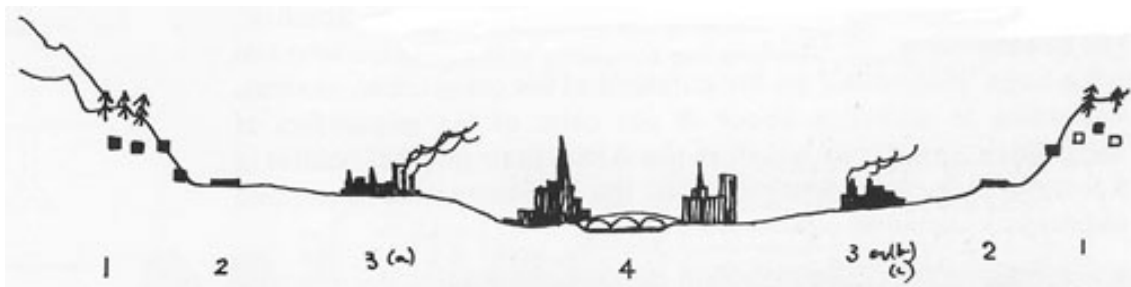
isolados, aldeias, vilas, cidades. Isto possibilitar-nos-á estudar funções particulares no seu campo ecológico apropriado.

Assim, um satélite ou sector de habitação será considerado no topo da escala (a da Cidade, a 1), e pode, desta maneira, ser comparado com o desenvolvimento em outras cidades, ou contrastado com desenvolvimentos numericamente semelhantes em diferentes campos da Escala de Associações.

Este método de trabalho induzirá um estudo das associações humanas como primeiro princípio fundamental, e das quatro funções como características de cada problema absoluto.<sup>117</sup>

### Manifesto de Doorn

1. É inútil considerar a casa excepto como parte de uma comunidade devido à interacção entre esta e as restantes.
2. Não devemos perder o nosso tempo a codificar os elementos da casa até que as outras relações estejam cristalizadas.
3. O Habitat tem a ver com a casa específica no tipo de comunidade específico.
4. As comunidades são as mesmas em todo o lado.
  - (1) Casa de fazenda separada
  - (2) Aldeia
  - (3) Vilas de vários tipos (industrial / administrativo / especial)
  - (4) Cidades (multi-funcional)
5. Podem ser vistas em relação com o seu ambiente (habitat) na Secção em Vale de Geddes.



<sup>117</sup> De acordo com o publicado no livro *Architecture Culture 1943-1968*, Joan Ockman, p. 183.



6. Qualquer comunidade deve ser internamente conivente – ter facilidade de circulação; conseqüentemente, qualquer tipo de transporte é disponibilizado, a densidade deve aumentar à medida que a população aumenta, p. ex. (1) é o menos denso, (4) é o mais denso.
7. Devemos portanto estudar a habitação e os aglomerados que são necessários para produzir comunidades coniventes em vários pontos da secção em vale.
8. A adequação de qualquer solução pode estar mais no campo da invenção arquitectónica, do que na antropologia social.

Holanda, 1954<sup>118</sup>

5. They can be shown in relationship to their environment (habitat) in the Geddes valley section.

6. Any community must be internally convenient-have ease of circulation; in consequence, whatever type of transport is available, density must increase as population Increases, i.e. (1) is least dense, (4) is most dense.

7. We must therefore study the dwelling and the groupings that are necessary to produce convenient communities at various points on the valley section.

8. The appropriateness of any solution may lie in the field of architectural invention rather than social anthropology.

Holland, 1954

---

<sup>118</sup> “The Doorn Manifesto”, in Alison Smithson, *Team Tem Primer*, p. 75.

## Criteria for Mass Housing

(Critérios para a Habitação em Massa)

Planeado por Alison e Peter Smithson para o Team X

Publicado pela primeira vez em 1957, revisto em 1959

O termo Mass Housing aplica-se a todas as habitações não construídas sob a ordem específica de um indivíduo: casas sobre as quais o ocupante não tem nenhum controlo senão o de que escolheu, ou foi escolhido para aí viver: logo, casas para as quais o arquitecto tem uma responsabilidade peculiar.

Os critérios pretendem ser aplicados a todas as habitações independentemente do número, tipo de ocupação do solo, tipo de acesso, etc., etc. As casas e planos mais convencionais, e os mais engenhosos podem ser acolher de igual modo sob o seu escrutínio.

### A Casa:

1. Pode adaptar-se a vários modos de vida? Liberta os ocupantes das velhas restrições ou amarra-os a novas?
2. Pode o indivíduo dar “identidade” à sua casa ou é empacotado pela “arquitectura”?
3. Irão os abat-jours no tecto, as cortinas, os cães de loiça, tirar sentido à “arquitectura”?
4. Será o método construtivo da mesma lógica que o padrão de habitação previsto na casa? Falta o resto